

João Francisco Franco Junqueira

ORLÂNDIA DE ANTIGAMENTE

UMA MEMÓRIA FOTOGRÁFICA



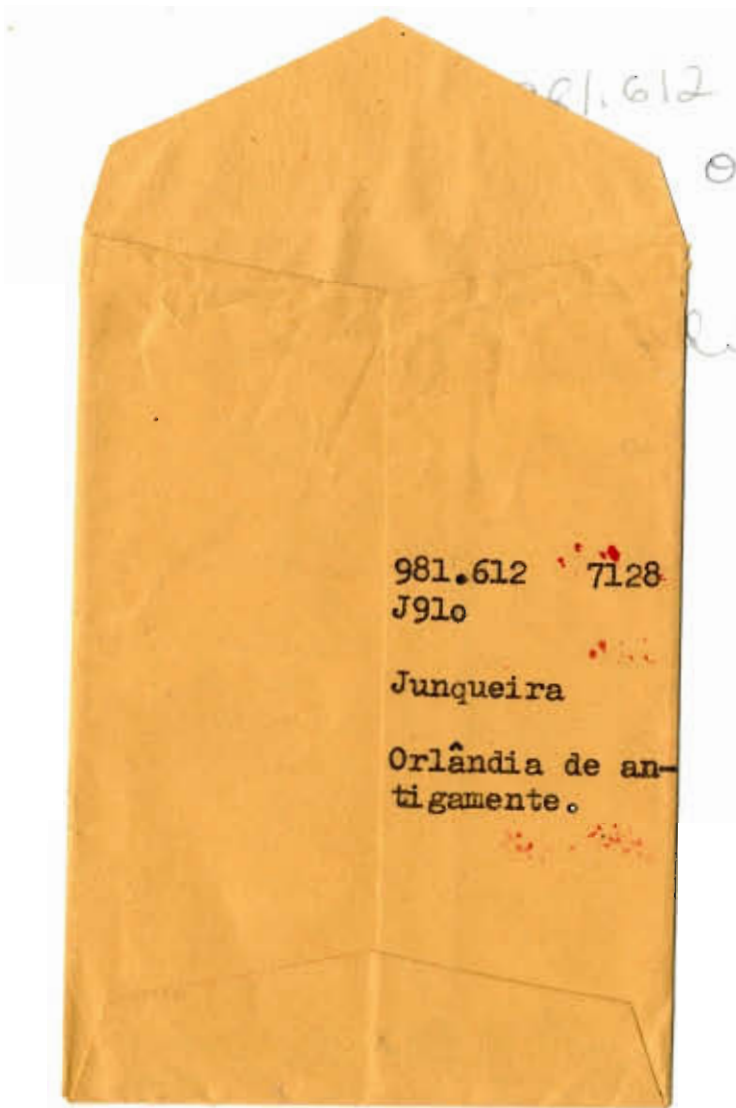
1.612
10

Se uma fotografia vale por mil palavras, esse livro deve ter milhões de palavras.

Ele é muito mais para se VER do que para se LER.

É um álbum fotográfico que pode ser aberto em qualquer página. O assunto de uma página não exatamente se relaciona com o da próxima. É como se Você estivesse vendo um álbum de "Orlândia de Antigamente" e alguém ao seu lado fosse explicando o que as fotografias significam. O texto é apenas para dar essa explicação.

Tudo começou quando eu via meu pai, ORLANDO PRADO DINIZ JUNQUEIRA, colocando em ordem sua grande coleção de fotos de Orlândia. Ele sempre dizia: "Estas fotos foram tiradas pelo meu amigo, FAUSTINO CIVIDANES, que era um ótimo fotógrafo e gostava de Orlândia tanto quanto eu. Como a gente tinha essa paixão em comum, ele me dava os negativos". São inúmeros negativos em vidro. Eles não imaginavam que um dia esses "guardados" seriam de muito valor.



Orlândia

BIBLIOTECA MUNICIPAL PROF GERALDO RODRIGUES
DOAÇÃO: João
ENTRADA: 09/06/99

[illegible]

ORLÂNDIA DE ANTIGAMENTE



© by João Francisco Franco Junqueira

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autor e fonte.

Massao Ohno Editor
Rua da Consolação, 3676
São Paulo, SP
Cep: 01416-000

Composição: Estúdio Iara Lopez
Editoração e Fotolitos: Ajato
Impressão: Type Laser

Capa: Foto de Faustino Cividanes, Orlândia em 1920.

1999

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

JOÃO FRANCISCO FRANCO JUNQUEIRA

ORLÂNDIA DE ANTIGAMENTE

UMA MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

MASSAO OHNO EDITOR

O LUGAR GEOMÉTRICO DE MINHA FELICIDADE

A presença de Orlândia não era – é muito forte em minha vida. Aliás, a memória rural, o fascínio que ela exerce, é determinante, categórica na formação de qualquer indivíduo. Assim creio, firmemente.

Eu não nasci lá, mas passei todas as férias de minha infância em Orlândia. Escrevo, portanto, com o que me resta de juventude, o que agora já é muito pouco.

Estudava em São Paulo e ficava o tempo todo esperando as férias. Ansiadas férias, meu Deus! Um delirante prazer de voltar às fazendas de minha infância, com primos, tios, amigos, cheiro de minha terra, do meu cavalo, minha vida de verdade.

Minha terra, não. Naquela época, eu já era “sem terra”. Mas como diz Saramago, *gostar é, possivelmente, a melhor maneira de ter*. Então eu tinha. A Orlândia eu devo minha primeira pescaria, minha primeira caçada, meu primeiro cavalo, minha primeira namorada. Era o mundo que se abria, com seus cheiros e venturas.

Não vou falar de árvores genealógicas. Vou falar de um ecossistema, que é Orlândia. Famílias que vieram de Minas, de Itu, da Itália e que se fixaram na região.

É uma misturada de galhos que se cruzam, se abraçam e se emaranham sem ordem, embaralhados. As árvores genealógicas são didáticas, estilizadas, boas para a iniciação de nossos netos ao aprendizado das consequências das relações familiares. E são limpadadas para melhor compreensão. Mas não são reais.

As árvores de nossas vidas são mais complexas, mais intrincadas, mais misteriosas. Abrigam mesmo, numa simbiose permitida de emoção compartilhada, árvores outras, de outras famílias, que crescem como flores decepadas que encontraram, amorosamente, suas novas hastes. Possuem até trepadeiras que buscam, em troncos maiores, o agasalho, o sustento, a sombra. Têm musgos, têm passáros, têm ninhos. Não são só famílias entrelaçadas, tecidas umas nas outras. *É um nicho ecológico*. Têm pés de café que tanto e por tanto tempo foram, para a região, o sustento e o alento. Têm árvores de copa baixa, com seus galhos horizontais, como se quisessem oferecer um apoio vivo, como um braço estendido, para amarrar as rédeas dos cavalos trabalhados. Cada família, então, é uma árvore. E cada árvore tem seu fruto e cada fruto, seu caroço. Hoje chamam de

DNA, mas no fundo é o caroço. As árvores, todas elas, cresceram. Umas mais, outras menos. E, como dizem os poetas:

*Se não houver frutos, valeu a beleza das flores.
Se não houver flores, valeu a sombra das folhas.
Se não houver folhas, valeu a intenção da semente.*

Sempre pensei em narrar um dia, em prosa e verso, toda essa emoção vivida na infância e na adolescência. Mas a carreira universitária – e tudo o que ela implica – mais casamento, filhos, vão dificultando a concentração necessária para o exercício da virtude maior de escrever.

Tempos atrás, num rompante, decidi seguir a trilha de Riobaldo – meu deslumbramento em Guimarães Rosa. Foi a coisa mais fascinante que vivi em minha vida. Elaborei até um roteiro. Continuo vivendo ainda cada minuto dessa itinerância. Isso porque, como dizem, *a gente sai do sertão, mas o sertão não sai da gente.*

A bem da verdade, acho que não nasci para ser médico. Talvez para violeiro, poeta ou boiadeiro: minhas vocações, meu fascínio. Mas a vida, ah, a vida nem é da gente...

Por isso, fui tomado de grande surpresa, mês atrás, com uma proposta que eu gostaria de ter engendrado: **a memória do lugar geométrico da felicidade da minha infância.** Melhor, de nossa infância. Dizia meu avô que grande parte da saudade de nossa infância é, na realidade, saudade da juventude que

perdemos. Pode até ser.

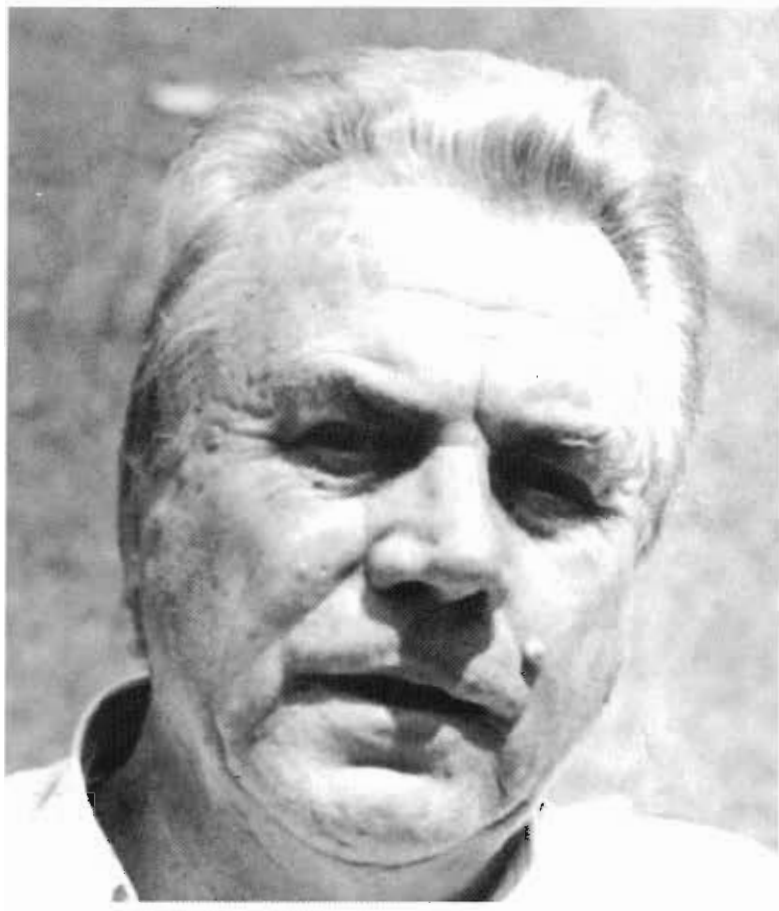
João Francisco, meu querido primo, irmão mesmo, surpreende-me com a proposta de **“Orlândia de antigamente”**. Vejam: eu de humanas, ele de exatas. E foi ele quem propôs, elaborou, e em silêncio organizou as fotos deixadas por seu pai, cedidas pelos Cividanes, fiel depositário que foi desse acervo que ele, agora, entrega às futuras gerações orlandinas. Nelas incluo meus filhos e netos.

Tudo que é proposto: uma Orlândia revisitada, tão viva nessas fotos e nesses fatos, que ficará perene e inesquecível, Melhor assim: elucubrar menos e realizar mais.

João Francisco, você fez o que eu e muitos gostaríamos de ter feito: a memória de uma Orlândia que ficará marcada para sempre no coração de todos os orlândinos. E em alguns episódios, como nos da gloriosa Revolução de 32, para sempre no caráter de todos os paulistas dignos.

Parabéns, João. Esse livro documenta uma época que nos precedeu e nos faz sentir saudades de nossa infância. Só que nos compromete, pois, como diz Guimarães Rosa, *toda saudade é uma espécie de velhice...*

Marcelo de Almeida Toledo



Dedico este livro a todos que me ajudaram nesses cinco anos de pesquisa. Em especial à memória de três pessoas que forneceram quase todo o material que está aqui. A eles a minha gratidão:

ORLANDO PRADO DINIZ JUNQUEIRA
FAUSTINO CIVIDANES
ALBERTINA CIVIDANES

Sem eles não seria possível a publicação desta memória fotográfica de Orlândia.

João Francisco Franco Junqueira

Eram quatro horas da madrugada do dia 1º de janeiro de 1931. O Clube Orlândia ainda estava lotado de foliões que se negavam a ir para casa descansar. O *Jazz Bico de Lacre* anunciou o último número musical e todos cantaram juntos, com grande animação:

*Mas o homem
Com toda a fortaleza
Desce da nobreza
E faz o que ela quer.*

Esse samba de Sinhô, que se chama *Gosto que me enrosco*, tinha sido o maior sucesso do Carnaval de 1929 e todos sabiam sua letra de cor. A gritaria foi geral. Mais uma... mais uma... mais uma... Os músicos voltaram ao palco e o Olavo Miele deu início, no seu banjo, à introdução da marcha que foi também de grande sucesso no último Carnaval. O povo delirou e cantou junto:

*Taí,
Eu fiz tudo pra você gostar de mim
Mas, meu bem, não faça assim comigo não
Você tem... você tem
Que me dar seu coração.*

O Dr. Durval Junqueira, que estava no clube, comentou: “Sabe, essa marchinha foi composta por um primo da Antonieta, minha namorada. Ele também é médico, formado na Escola da Praia Vermelha, em 1925. Fiz muita força para ele vir clinicar aqui em Orlândia, junto comigo, mas ele preferiu ficar no Rio. Seu nome é Joubert Gontijo de Carvalho. Procurou algum cantor que quisesse gravar essa sua marcha mas, como não encontrou nenhum, deu a gravação para uma cantora portuguesa estreante que se chama Carmem Miranda”.

Joubert de Carvalho acertou em cheio na cantora. Esse disco vendeu mais de 35.000 cópias, o que foi um grande recorde para a época. Ele seria, no futuro, um dos maiores compositores da música popular brasileira e Carmem Miranda foi esse fenômeno que todos nós sabemos.

Esse baile de fim de ano de 1930 foi um dos mais animados que a nossa cidade conheceu. Um dos responsáveis por esse sucesso era o conjunto *Bico de Lacre* que tocou na cidade e na região por mais de quinze anos. Antes do *Bico de Lacre*, Orlândia teve um outro conjunto musical que durou menos tempo. Foi o *Choro Paulista*. Este conjunto surgiu por volta de 1925 e tem a seguinte história:

O Sr. Hugo Dedgiovani tinha um cinema na Rua 1. Naquele tempo, o cinema era mudo e, como acontecia em todo cinema, havia sempre um conjunto musical para fazer o fundo, enquanto

passava o filme. O Sr. Hugo foi a Uberaba ver se arrumava um conjunto para tocar no seu cinema. Procurou um maestro que se chamava Benedito Nascimento. O maestro argumentou que ficaria muito caro deslocar músicos de Uberaba para Orlândia. Ficou acertado entre os dois que o Maestro viria a Orlândia e aqui formaria um conjunto musical. Durante muito tempo o Maestro Benedito Nascimento vinha periodicamente até Orlândia para ensaiar um conjunto para tocar no cinema do Sr. Hugo Dedgiovani. Assim nasceu o primeiro conjunto musical com elementos de Orlândia. Esse conjunto, chamado *Choro Paulista*, durou mais ou menos uns cinco anos. Apesar do esforço do maestro, esse conjunto nunca foi tido como muito bom. Quando esse conjunto foi desfeito, o violinista desse grupo, que era sem dúvida o melhor músico da turma, resolveu formar um outro conjunto. Esse violinista era o Sr. João Sircilli. Procurou os Miele, família conhecida pelo bom ouvido, e formou o *Bico de Lacre*. Duvido que aqui em Orlândia tenha alguém com mais de setenta anos que não tenha dançado ao som do *Jazz Band Bico de Lacre*, os pioneiros da música em Orlândia.

Esses foram os dois primeiros conjuntos musicais para dança formados na cidade. Nessa época fazia sucesso em Orlândia uma musicista, estudante do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Seu nome, Cotinha Quadros. Aliás, nesse fim de 1930, comentava-se muito do sucesso que foi a apresentação

de Cotinha Quadros no dia 27 de dezembro de 1930. Ela deu um recital de piano e canto ao violão onde apresentou peças de Mac Dowell, Chavarri, Mussorgsky e sobretudo brilhou na apresentação de Sevilha e Castilha, de Albeniz.

Outro acontecimento artístico importante estava marcado para o dia 11 de janeiro de 1931. Era a inauguração do “Theatro Municipal”. O Prefeito era o Sr. Celso Torquato Junqueira, que procurou dar o maior brilho possível ao ato de inauguração, convidando para fazer uma palestra sobre “A evolução da idéia democrática no Brasil” o professor da Faculdade de Medicina da USP, Antonio de Almeida Prado, que também era seu cunhado. Vieram com a comitiva do Professor Almeida Prado várias personalidades importantes da vida política de São Paulo: o Dr. José Carlos de Macedo Soares, ex-Secretário do Interior, José Paulo de Macedo Soares, Jorge de Queiroz Moraes, José Afonso de Mesquita Sampaio, Rubens Rocha, Osvaldo Leite Ribeiro e o comediante Cornélio Pires. O grande sucesso da noite foi Cornélio Pires. Esse comediante, que hoje seria chamado de humorista, era uma espécie de Chico Anísio da época. O Brasil todo já conhecia seus “causos”. Ele criava histórias engraçadas e as contava no palco. Aqui em Orlândia, ele contou uma história que criou um “dito” que o Brasil inteiro conhece até hoje. Quem nunca ouviu o dito: “esses são outros quinhentos”? Pois esse termo foi criado por Cornélio Pires e foi contado aqui no dia 11 de janeiro de 1931. Para que ninguém

fique curioso, vou contar a história que Cornélio Pires criou: “Existia um caipira muito velhaco que recebeu uma nota de quinhentos mil réis. À noite, esse caipira viu na praça o Padre conversando com o Juiz de Direito e o Delegado. Chegou perto do Padre e perguntou se ele não queria guardar aquela nota de quinhentos. O padre disse que era muita responsabilidade e se negou a guardar. Passados uns dez dias o caipira viu novamente o Padre, o Juiz, o Delegado e mais um fazendeiro muito rico conversando na mesma praça. Chegou para o Padre e disse: O senhor poderia me devolver aquela nota? O padre retrucou e o caipira argumentou, mentindo. “O senhor não quis naquela hora mas depois resolveu guardar”. O fazendeiro, conhecendo o caipira e para livrar o padre do constrangimento disse: “Você não deu nota nenhuma para o padre, deu foi para eu guardar e vou te devolver”. O caipira retrucou na hora: “Essa que dei para o Senhor foi outros quinhentos, quero receber do Padre primeiro, depois o Senhor me paga”. Essa história criou a frase “esses são outros quinhentos”, que até hoje ouvimos sem saber que foi inventada por Cornélio Pires.

O *Theatro Municipal* foi construído com o apoio do Coronel Francisco Orlando na gestão do Prefeito anterior, Getúlio Lima. Tinha 18 frisas com 5 lugares cada uma, 250 poltronas e 150 lugares nas gerais. Uma frisa custava 50\$000 (cinquenta mil réis), uma poltrona 10\$000 e um lugar na geral 3\$000. Todo o lucro dessa inauguração do dia 11 de janeiro de 1931 seria em

benefício dos pobres da Conferência de São Vicente de Paula. A inauguração começou às 20 horas e 30 minutos e a lotação estava completa. Toda festividade tinha que ter o aval do delegado. As leis começaram a ficar rigorosas. Era o prenúncio de uma brava ditadura que viria em breve. Nessa época chegaram duas leis em Orlândia que hoje parecem piada: 1 - É proibido vender bebida de gole; e, 2 - É proibido pedir esmola em dia de semana. Só aos domingos. A inauguração do *Theatro Municipal* foi fiscalizada com o maior rigor da lei. A ditadura Vargas começava a mostrar suas garras.

Logo depois de terminada a Revolução de 30, a política brasileira entrou na fase conhecida como República Nova. Era natural que todos os políticos da República Velha comessem a perder prestígio. Em Orlândia não foi diferente. O Coronel Orlando começou a ser contestado nessa época. Os mais moços ficaram entusiasmados com as promessas de voto secreto, proteção à classe mais pobre etc. O Coronel Orlando tem duas passagens que merecem ser contadas: Uma aconteceu com o marido da sua neta Adélia, Ignácio Meirelles Bastos. Ignácio, recém-formado, defendia o voto secreto numa sala em que o Coronel estava presente. Depois de ouvir todos os argumentos, o Coronel disse:



THEATRO MUNICIPAL.
No dia da sua inauguração, 11 de janeiro de 1931



CHORO PAULISTA.

Da esquerda para a direita:

De pé: Professor Guedes - Violoncelo; Aracy Neves - Violino; João Sircilli - Violino; Antônio Pressoto - Flauta; Benedito Nascimento - contrabaixo
Sentados: José de Oliveira - Trombone; Luiz Boaretto - Bateria; Higino Jarreta - Clarineta; Dito do Banjo - Banjo



JAZZ BAND BICO DE LACRE.

Da esquerda para direita:

João Sircilli - Violino; Gabrielzinho - Clarineta; Olavo Miele - Banjo; Milton Jarreta - Ritmo; Guerino Bianchini - Bateria; Publio Miele - Baixo Tuba; José Miele - Trombone; Osvaldo Pinatti- Sax; João Prateleira - Sax



Convidados para a inauguração do Theatro Municipal

Primeiro à esquerda: Sr. Celso Torquato Junqueira

Ao centro: Dr. Antonio de Almeida Prado

Lado esquerdo do Dr. Antonio: Sua filha Beatriz

Atrás de Beatriz: Cornélio Pires

“Você pensa que vai ver o voto secreto? Você não vai ver voto de espécie alguma durante muitos anos”. Na sua experiência de 50 anos de política ele estava adivinhando a grande ditadura que estava por vir. Outra passagem do Coronel Orlando, que mostra sua maneira direta de dizer as coisas, aconteceu numa reunião política que os mais moços tiveram com ele. Os jovens de Orlândia marcaram uma reunião com ele. Ao chegarem na sala, todos ocuparam seus lugares e fizeram questão que o Coronel Orlando sentasse na cabeceira para presidir o encontro. A reunião começou num clima de constrangimento, em que cada rapaz presente estava fazendo uma espécie de preâmbulo, para expor o tema principal. Um argumentou: “o Sr. sabe, Coronel, que a política está passando por uma grande mudança”. Outro argumentou que “ninguém é eterno”. Outro dizia que, depois de “uma certa idade, os homens não têm mais o mesmo potencial de decisão”. Outro argumentava que Orlândia “precisava de um continuador para a obra política, realizada até então”. O Coronel Francisco Orlando estava ouvindo tudo em silêncio, até que pediu a palavra. Disse apenas; “Eu sei o que vocês estão querendo dizer. Estão dando voltas para dizer: Quero que o Sr. levante dessa cadeira que eu quero sentar nela”. Era exatamente isso que todos queriam dizer mas não tinham coragem. O Coronel Orlando, que nasceu no dia 3 de dezembro de 1858, estava com 71 anos naquela época.



Coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira com 16 anos.
Nasceu no dia 3 de dezembro de 1858 na Fazenda Invernada, em Orlândia.
Morreu no dia 9 de julho de 1940, na Fazenda Monte Belo, em Orlândia.
Por ter doado o terreno para construção da cidade ela recebeu seu nome.



O Coronel Orlando se casou no dia 3 de junho de 1882 com
Genoveva Angélica Teixeira na Fazenda Melancia em Uberaba.
Sua esposa teve 19 gestações mas conseguiram criar somente 6 filhos.
O Coronel Orlando ficou viúvo em 1905.



Coronel Orlando em 1914

Em novembro de 1930, o Coronel Orlando e o Sr. Arthur Oliva tinham seguido presos para São Paulo. No dia 2 de dezembro, o Coronel recebeu ordem de soltura. Perguntou pelo compadre Arthur Oliva. Disseram que a ordem de soltura de Arthur Oliva não tinha chegado. Ele não teve dúvidas, voltou para a prisão e disse: “Só saio daqui quando o compadre Arthur também sair”. A prisão durou mais 4 dias. O Coronel voltou para Orlândia no dia 6 de dezembro de 1930. Ele contava em família um fato engraçado que aconteceu na sua volta de trem para Orlândia. Sentou ao seu lado um desconhecido que puxou prosa. “– Para onde o Sr. vai?” perguntou o desconhecido. “– Vou para Orlândia”, respondeu o Coronel. O desconhecido continua: “– Essa é uma cidade perigosa. Lá manda um tal de Coronel Francisco Orlando que mata todos os seus inimigos.” “– Eu não acho”, retrucou o Coronel. Interrompeu o desconhecido: “– O Sr. fala isso porque não conhece ele como eu conheço”. O Coronel deu uma risadinha mas não teve coragem de dizer a verdade, para não deixar o parceiro sem graça. Ao chegar em Orlândia, tinha uma banda de música esperando. O Coronel pensou que no trem estava chegando alguém importante da Revolução de 30. Foi grande o espanto dos dois. Aquela banda era para esperar o Coronel e o desconhecido viu que estava falando com o próprio.



Ao centro: Coronel Orlando em 1924

Em 1931, os dois esportes que mais eram praticados em Orlândia eram o pólo e o futebol. O pólo ganhava do futebol em popularidade. Talvez porque o futebol estava muito no começo e o pólo já era jogado por aqui há anos. Em 1931, o campo da Associação Atlética Orlândia estava em construção. O serviço de terraplanagem começou em 1930 e em fevereiro de 31 estava quase pronto. O problema é que faltou dinheiro e essa crise durou meses. O Sr. Virgílio Ferreira Jorge, ajudado pelo Sr. Mondio, não cansavam de fazer campanhas a fim de arrecadar verbas para terminar os serviços. O Sr. Virgílio dizia que não agüentava tirar dinheiro do bolso para ver o campo terminado. Viviam dizendo que “a sua farmácia não era mina de ouro” para arcar com tanta despesa. Graças ao seu grande esforço, finalmente, em junho de 1931, foi inaugurado o campo da A.A.O. Para o dia de inauguração, foi programado um jogo entre a “Elite Francana” e o time principal da A.A.O. Na preliminar, iam jogar o Comercial de São Joaquim e o segundo time da A.A.O. Como o Comercial não compareceu, foi substituído pelo time da Fazenda São João, que perdeu por 3 a 0. Antes do jogo principal, uma delegação de senhoritas de Orlândia levou um ramalhete de flores para a diretoria da Elite Francana. Falou, em nome das senhoritas, Rachel Namy e em nome da A.A.O. o Professor Geraldo Rodrigues. A taça para o vencedor desse jogo chamava-se “Taça Farmácia Orlândia” e era oferecida pelo Sr. Virgílio Ferreira Jorge. O quadro de Orlândia era assim formado:

Maninho, Virgílio, Pinatti, Braulino, Lopes, Bianchini, Paulo, Serafim, Oswaldo, Quadros e Ricardo. O jogo começou com nítida vantagem para Franca. A “Elite Francana” marca um gol logo no início. A seguir, o time da A.A.O. se restabelece e a partida fica equilibrada. Quase no fim do primeiro tempo, Serafim recebe um passe de Oswaldo que chuta forte. A bola bate na trave e entra no gol apesar do esforço de Tié, goleiro de Franca. No segundo tempo, quando faltavam 15 minutos para o fim da partida, a A.A.O. faz um ataque e o goleiro Tié sai do gol e espalma a bola que, por sorte de Orlândia, cai nos pés de Lopes que rapidamente a manda para Paulo que apenas a empurra para o gol sem goleiro. O jogo termina em 2 a 1 para a A.A.O. Era o dia 23 de junho de 1931.

O pólo começou oficialmente em Orlândia em 1924, data em que o Itanhangá Pólo Club do Rio de Janeiro veio disputar uma partida aqui e que foi o primeiro jogo de pólo feito no interior do Brasil. O pólo de Orlândia tem a seguinte história: Em 1920 veio para Orlândia um inglês chamado Ernest Colson. Ele tinha sido nomeado administrador da revenda Ford daqui. Como na Inglaterra ele era jogador de pólo, resolveu implantar esse esporte aqui, quando percebeu o grande entusiasmo que havia por cavalos em Orlândia. Convidou os filhos do Coronel Orlando para formarem um clube de pólo. Eles compraram um terreno para tanto, onde hoje é a Sociedade Hípica de Orlândia. Os primeiros times formados aqui eram de pessoas com muito entusiasmo pelo esporte mas com poucas qualidades como

esportistas. Como a cidade toda ficou animada com a prática do esporte, em pouco tempo começaram a aparecer os verdadeiros craques e Orlândia acabou tendo um grande time de pólo. O primeiro quadro de pólo formado em Orlândia tinha como jogadores: Mário Junqueira, Totonho Siqueira, Orlando Junqueira e Luiz Benine. Desses pioneiros o único que se tornou um grande jogador foi Luiz Benine. O pólo causou tanto entusiasmo entre a população de Orlândia que mereceu um hino composto pelo maestro Ernani Monteiro de Barros com letra do dentista Dr. Said Abrahão. Até 1931, o campo de pólo não tinha boas arquibancadas para a assistência. O público ficava na beira do campo, sentado nos automóveis. Em junho de 1931, quase junto com a inauguração do campo de futebol, foram inauguradas as novas arquibancadas do Orlândia Pólo Club. A inauguração oficial foi marcada para o dia 28 de junho de 1931. Para comemorar esse acontecimento, a Liga Paulista de Pólo estabeleceu que o Quarto Campeonato da Liga seria em Orlândia. Nos três primeiros campeonatos, Orlândia tinha vencido um e Colina tinha vencido dois. Se Orlândia ganhasse esse quarto, ficaria empatado com Colina. A taça em disputa chamava-se “Prefeitura Municipal de Orlândia” e tinha sido oferecida pelo Prefeito Getúlio Lima, em 1928. Essa taça ficaria definitivamente com quem vencesse mais vezes em quatro campeonatos. Era fundamental para Orlândia vencer esse

campeonato, em homenagem à inauguração das suas arquibancadas. Nesse ano, só três times iriam disputar a taça: Orlândia, Colina e Batataes. Nos outros três campeonatos tomaram parte, além dos três citados, os times de Salles Oliveira e o Segundo Regimento de Cavalaria de Pirassununga. Não veio também o time de Araçatuba, que jogou só o terceiro torneio. Às 14 horas do dia 28 de junho de 1931, o Padre Arthur Carneiro fez a bênção das novas arquibancadas. A seguir, houve um desfile a cavalo de todos os times e suas diretorias. Um grupo de senhoritas da cidade cantou, acompanhado pela banda, o Hino do Orlândia Pólo Club. A seguir, o advogado Dr. Alfredo de Vasconcellos fez um discurso falando sobre a data. Depois de toda essa pompa, iria começar o primeiro jogo do Quarto Campeonato da Liga Paulista de Pólo entre Orlândia e Batataes. Todos achavam que esse jogo seria fácil para Orlândia. Estavam enganados. O jogo terminou empatado. Como era do regulamento da época, deveria haver uma prorrogação de 10 minutos e quem marcasse o primeiro gol seria o vencedor. Orlândia marcou e o jogo terminou 5 a 4 para Orlândia. O time de Orlândia era formado por Luiz Benini, Olympio Rosa, João Silvério e Francisco Junqueira Reis. O público carregou Luiz Benine e Olympio Rosa nos braços, depois de terminada a partida. No time de Batataes jogaram Alcebíades Junqueira, Durval Costa, Armando Pereira Lima e Olívio Junqueira. Após essa inauguração, foi

marcado o segundo jogo, entre Colina e Batataes para o dia 2 de julho.¹ O time de Colina venceu tranqüilamente por 7 a 1. Isso deixou os torcedores de Orlândia com os nervos à flor da pele. Tínhamos que vencer Colina. Mal conseguimos dar no Batataes, que Colina venceu com tranqüilidade. A população de Orlândia fazia apostas as mais variadas. Os prognósticos eram inteiramente favoráveis a Colina. O Jogo Orlândia x Colina estava marcado para dia 5 de julho de 1931, um domingo. Os ânimos estavam acirrados na cidade e não se falava em outra coisa. Hoje parece um exagero dizer que não se falava em outra coisa. Naquele tempo, o pólo era o esporte mais popular entre os habitantes da cidade. Domingo, logo pela manhã, começaram a chegar pessoas de toda a região para ver o jogo. Foram contados mais de 100 automóveis um pouco antes do jogo. As arquibancadas estavam lotadas às 15 horas e 30 minutos do dia 5 de julho de 1931. Houve alguma dificuldade na escolha do juiz. Finalmente, os dois times concordaram com a escolha do Sr. Aristides Aguiar para apitar a partida. Na hora marcada, os dois times se alinharam em campo. Orlândia com Luiz Benine, Francisco Junqueira Reis, João Silvério e Olympio Rosa. O time de Colina com Luiz Lemos Toledo, Jesus Lemos Toledo, João Junqueira Franco e Aristides Lima. O juiz joga a bola e é iniciada a mais importante partida de pólo jamais disputada em Orlândia. Logo na saída, o time

de Colina dá uma cruz e o juiz aponta a falta. Luiz Benine bate e a bola vai na trave e volta para Olympio marcar o primeiro de Orlândia. A torcida vai ao delírio. Dada a nova saída, Orlândia ataca sem resultado. Numa escapada violenta, Colina marca seu primeiro gol. Fica tudo empatado. Termina o primeiro tempo: Orlândia 1 x Colina 1. O segundo tempo mais parece uma guerra do que um jogo. Aos três minutos, Francisco Junqueira Reis dá uma escapada e marca o segundo gol de Orlândia. A torcida começa a perceber que o jogo não vai ser fácil para Colina. Orlândia está jogando à altura do forte adversário. Aos cinco minutos, Colina faz uma jogada brilhante e Aristides Lima marca o gol de empate novamente. Termina o segundo tempo: Orlândia 2 x Colina 2. Começa o terceiro tempo e o time de Colina está visivelmente nervoso. Este jogo tinha que ser fácil e essa reação de Orlândia estava fora do programa. Aos três minutos, João Silvério marca o terceiro gol de Orlândia. Colina se desespera e Orlândia, procurando manter a calma, faz mais um nesse tempo, por intermédio de Francisco Junqueira Reis. Termina o terceiro tempo: Orlândia 4 x Colina 2. Começa o quarto tempo e Orlândia domina a partida. Aos três minutos, Luiz Benine marca mais um e aos 5 minutos Olympio Rosa marca outro. Termina o quarto tempo: Orlândia 6 x Colina 2. Começa o quinto tempo. Colina se recompõe e começa dominar o jogo. Não se ouve um *pio* nas arquibancadas.



Luiz Benine Sobrinho



Olympio Rosa Junqueira



O Maestro Ernani Monteiro de Barros e o dentista Dr. Said Abrahão compuseram um hino em homenagem ao Orlândia Pólo Club. Essa é a capa da partitura.

Dizem os entendidos que esse quinto tempo foi uma beleza, do ponto de vista técnico. Os dois times jogaram muito bem, em absoluto silêncio. Colina marca dois gols nesse tempo. Orlândia 6 x Colina 4. Começa o sexto e último tempo. Os dois times lutaram como leões. Não houve gols nesse sexto tempo. Orlândia vence o Quarto Campeonato da Liga Paulista de Pólo. A torcida carregou nos ombros os jogadores Olympio Rosa e Luiz Benine. A taça “Prefeitura Municipal de Orlândia” não ficou definitivamente, nem com Colina nem com Orlândia. Colina venceu duas vezes e Orlândia também. Era preciso marcar-se um outro jogo para definir quem ficaria para sempre com a Taça. Os times entregaram nas mãos dos Srs. Oswaldo Ribeiro Junqueira e João Silvério a incumbência de decidir essa questão. Os dois, em reunião na Liga Paulista de Pólo, resolveram marcar um jogo desempate para o dia 7 de setembro de 1931. Esse compromisso o destino quis que não fosse cumprido por um motivo trágico. No dia 25 de agosto de 1931, um dos melhores jogadores de Orlândia, Olympio Rosa, seria barbaramente assassinado com vários tiros de revólver quando saía da sua casa, na rua 1, às 4 horas e 30 minutos. Foram vários disparos com armas de diversos calibres e, duas horas depois, Olympio estava morto. A cidade toda ficou chocada e esse crime nunca foi devidamente elucidado. Tive oportunidade de ler todo o processo e também fiquei sem concluir nada, como o Juiz deve ter ficado. A disputa foi adiada *sine die*.

O Pólo em Orlândia. Os eternos rivais. Time de Orlândia x Time de Colina.



Time de Orlândia



Time de Colina

O pólo em Orlândia. As arquibancadas lotaram. Tinha gente até em cima dos automóveis. Era 5 de julho de 1931.



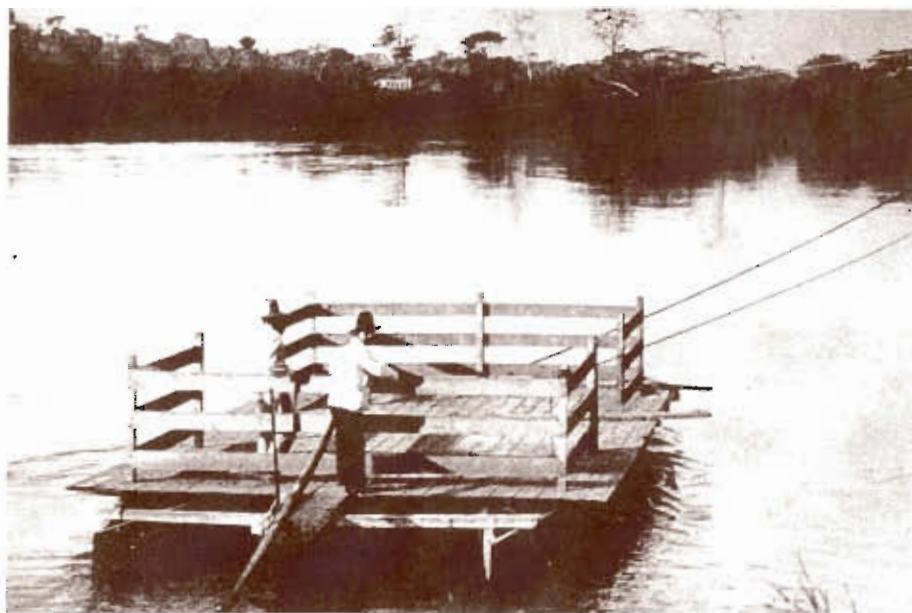
O Futebol em Orlandia. Time pioneiro e inauguração do campo da A.A.O. Era o dia 23 de junho de 1931.



Da esquerda para a direita:

Agachados: Armando Rodrigues, Virgílio Ferreira Jorge, Glafir de Vasconcelos, Antonio Rodrigues e Aristides Cividanes.

Em pé: Pinatti (juiz), Chiquinho Massoni, Professor Toledo (goleiro), desconhecido. Osvaldo Pinatti, Faustino Cividanes e Santoro (Diretor do Grupo Escolar).



A casa ao fundo foi onde moraram José Joaquim e Dona Ethelvina

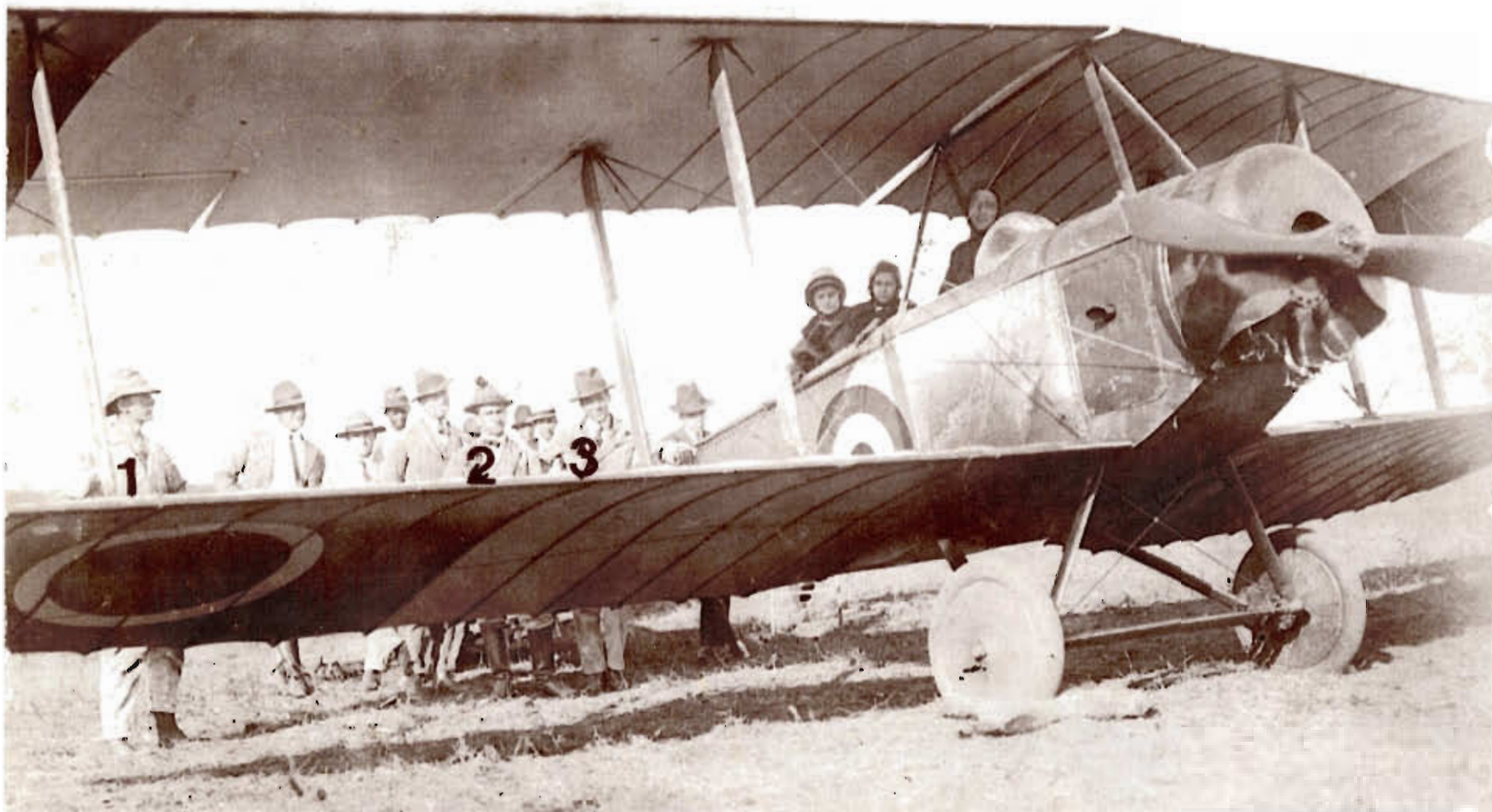


José Joaquim

Dona Ethelvina

No final do século dezenove, antes da chegada da estrada de ferro até Orlândia, houve um fato comercial de grande importância para a nossa região. Foi a criação do transporte fluvial pelo rio Mogi Guaçu, ligando a cidade de Porto Ferreira até o encontro do Rio Pardo, próximo à cidade de Viradouro. Dois vapores, o Barão de Jaguará e o Elias Fausto, faziam esse trajeto duas vezes por semana.

Esses vapores funcionaram de aproximadamente 1880 até 1903. Embora a Comarca só tenha vindo para Vila Orlando no dia 30 de março de 1910, esse meio de transporte teve grande importância para Orlândia. O esboço de um povoado já estava se formando e recebia toda espécie de mercadorias pelos vapores. No pontal do encontro dos rios Pardo e Mogi foi construída uma pequena casa e um porto muito rudimentar. Essa casa é onde morava o encarregado de receber as mercadorias. Encravada no meio da mata, essa casa foi onde viveu José Joaquim e sua mulher, Dona Ethelvina. Esse casal viveu ali por mais ou menos 20 anos. No meio do sertão, José Joaquim exerceu com tanta honradez e probidade essa função que sua fama acabou dando nome ao lugar. Qualquer morador antigo dessa região chamava o encontro dos dois rios de “Porto do José Joaquim do Pontal”. Esse casal acabou se mudando para São Paulo e são os bisavós da atriz Suzana Vieira.



Dentro do avião, da direita para a esquerda:
Capitão João Robba, Adélia Diniz Junqueira, Judith Diniz Junqueira

Atrás da asa:

1 - O mecânico que sempre acompanhava a aeronave, 2 - Francisco Marcolino Diniz Junqueira, 3 - Dr. Nestor da Rosa Martins

No mês de janeiro de 1922, correu um boato de que um avião iria descer em Orlândia. Esse “fantástico” acontecimento provocou os mais variados comentários entre a população. “Provavelmente ele vai descer em alguma estrada próxima da cidade”, comentavam alguns. O Prefeito, Dr. Nestor da Rosa Martins, explicou que não era bem assim. Era preciso construir um campo apropriado para o pouso. Construir um campo significava: escolher um terreno mais ou menos plano, arrancar os tocos e os cupins e, com uma enxada, aplainar alguns montes de terra que lá estivessem. O local escolhido foi um terreno perto da sede da Fazenda Boa Vista. Os serviços foram começados e deviam terminar ainda no mês de janeiro. A chegada do avião estava marcada para o dia 1º de fevereiro. No dia 31 de janeiro, veio até Orlândia o Tenente Cornetto para fazer uma fiscalização e dar seu parecer final, dizendo se o campo oferecia condições de pouso. Chegou à conclusão de que eram precisos alguns reparos. A vinda do avião foi adiada. Finalmente, ficou acertada sua vinda para o dia 6 de fevereiro. Levantou vôo da cidade de Batataes. O piloto chamava-se Capitão João Robba. O prefeito de Orlândia fez questão de ir até Batataes para voltar no avião. A aterrissagem estava marcada para as 10 horas da manhã. O povo tratou de ir até ao campo para assistir o pouso do primeiro avião que desceria em Orlândia. Os carros de praça, que normalmente cobravam 5\$000 para irem até a Boa Vista, passaram a cobrar 20\$000 naquele dia. A procura por condução estava muito grande. Já era meio-

dia e nada do avião chegar. Falava-se em desastre e os boatos eram os piores possíveis. Nada aconteceu. A decolagem acabou se atrasando em Batataes e às 14 horas viu-se um ponto no horizonte. Era o Capitão Robba junto com o Prefeito Rosa Martins que vinham para Orlândia de avião. Isso nunca tinha acontecido aqui antes. O avião ficou em Orlândia quase uma semana à disposição de quem tivesse coragem de voar. O Sr. Faustino Cividanes teve essa coragem e levou consigo sua inseparável máquina fotográfica. Graças a ele podemos ver hoje como era Orlândia, vista de cima, no dia 8 de fevereiro de 1922.

A vinda desse avião no dia 6 de fevereiro de 1922 movimentou a cidade.



- 1 - Melchiades de Vilhena. Coletor Federal
- 2 - Nestor Mondio
- 3 - Dona Luduvina Rodrigues
- 4 - Dona Joana
- 5 - Albertina Cividanes
- 6 - Dr. Nestor da Rosa Martins, Prefeito
- 7 - Capitão João Robba
- 8 - Judith Diniz Junqueira
- 9 - Dona Yone Martins Ferreira Jorge
- 10 - Geny Diniz Junqueira
- 11 - Adelia Diniz Junqueira
- 12 - Dr. Maranhão, Delegado de Polícia
- 13 - Dr. Alfredo de Vasconcellos
- 14 - Dr. Chair Nogueira
- 15 - Dona Alba Salles Oliveira Alburquerque Maranhão



- 1 - Mecânico da aeronave
- 2 - João Azzo
- 3 - Virgílio Ferreira Jorge
- 4 - João Francisco Diniz Junqueira
- 5 - Dr. Nestor Rosa Martins, Prefeito Municipal
- 6 - Francisco Marcolino Diniz Junqueira
- 7 - Adélia Diniz Junqueira
- 8 - Judith Diniz Junqueira
- 9 - Capitão João Robba

Orlândia no dia 8 de fevereiro de 1922. Foto de Faustino Cividanes.



Assim Faustino Cividanes viu Orlândia no dia 8 de fevereiro de 1922



No mês de setembro houve o reconhecimento oficial do Liceu Municipal de Orlândia. Isso significou um grande avanço para o ensino em nossa cidade. Até setembro de 1931, os alunos podiam cursar as aulas no Liceu mas os exames para aprovação eram feitos em Ribeirão Preto. Hoje, achamos que ir a Ribeirão é coisa corriqueira. Naquele tempo não era. Basta lembrar que a ponte que atravessa o rio Pardo não existia. Ela foi terminada em 1933. Para ir a Ribeirão era preciso enfrentar uma balsa. Por isso, o reconhecimento do Liceu como órgão oficial, com poderes de avaliar o aproveitamento dos alunos, foi um fato de relevante importância para o ensino em Orlândia. O Liceu tinha sido fundado em 1922 pelo Sr. José Guedes de Azevedo e funcionou até 1929 com o nome de Ginásio Guedes de Azevedo. Em 1929, o Ginásio Guedes de Azevedo foi comprado pelos senhores Olavo de Paula e Silva e por Álvaro Augusto dos Santos Pereira. Esses dois senhores é que trocaram o nome para Liceu Municipal de Orlândia. Eles ficaram com o Liceu apenas alguns meses e o venderam para o Sr. Paulo Emílio dos Santos Pereira. O Sr. Paulo Emílio foi quem convidou o Professor Geraldo Rodrigues para sócio. O professor Geraldo Rodrigues viria a se identificar tanto com o Liceu que muita gente chamava a escola de Liceu do Professor Geraldo. É raro encontrarmos alguém mais velho que não tenha sido seu aluno. A qualidade de docente do Professor Geraldo Rodrigues deu tanta credibilidade ao ensino do Liceu que a procura por vagas cresceu rapidamente. Foi preciso fazer-se uma remodelação

no corpo docente da Escola. Na época, o Liceu tinha 100 alunos externos e 30 internos. A vistoria para a oficialização foi feita em agosto de 1931 e o reconhecimento veio em setembro. O fiscal do Departamento Nacional do Ensino que fez esse trabalho foi o Dr. Lourenço Filho. As primeiras provas parciais realizadas foram no mês de outubro. Os resultados dessas provas foram os seguintes:

Primeiro ano ginasial:

Agar Lopes de Almeida..... nota 7,50
Yolanda Miele nota 6,07
e mais 10 alunos.

Segundo ano ginasial:

Olga Leite nota 7,50
Hugo Miele nota 6,00
Miguel Vitaliano nota 5,64
Arnaldo Cardoso nota 4,57
Algy Catta Preta nota 3,64

Esses foram os primeiros a fazer provas no Liceu Municipal de Orlândia.

Algumas turmas do Liceu Municipal de Orlândia.



Ainda nesse mês de setembro de 1931, alguns agricultores resolveram se unir e fundar um Sindicato Patronal em Orlândia. A idéia inicial era a criação de uma Associação de Classe. Os fazendeiros mais jovens da região fizeram uma reunião preliminar, a fim de discutir a criação do Sindicato. Nessa reunião compareceram os Srs. Celso Torquato Junqueira, Edison Leite de Moraes, Getúlio Lima, José Olinto Fortes Junqueira, Carlos Enout, Sebastião de Almeida Prado, José Jorge Junqueira, José Custódio da Silva, Enock Garcia Leal, Hermantino Rocha e Sebastião do Vale Nogueira. Essas pessoas formaram um grupo de trabalho para avaliar o potencial de produção da região. O produto principal era o café. Constatou esse grupo de trabalho que 56 fazendeiros detinham a produção de 10 milhões, oitocentos e setenta e cinco mil pés de café. Desses 56 fazendeiros os 5 maiores eram:

Celso Torquato Junqueira	990.000 pés
Genoveva Junqueira Netto	872.000 pés
Edison Leite de Moraes	770.000 pés
Almeida Prado e Junqueira	556.000 pés
Junqueira Pichioni e Irmãos	550.000 pés

Verificada a possibilidade de se criar um órgão de classe de plantadores de café, foi marcada uma outra reunião para o dia 20 de setembro de 1931, no Paço Municipal, onde efetivamente seria fundado o “Sindicato Regional Agrícola de Orlândia”.

Assumiu a presidência dessa reunião o Sr. Celso que, em breves palavras, expôs os motivos da reunião e os fins a que ela se propunha. A seguir, pediu que a Assembléia indicasse um grupo de trabalho para presidir a seção. O Sr. Sebastião de Almeida Prado propôs que o Sr. Celso continuasse na presidência. Pediu a palavra o Sr. Edison Leite de Moraes e disse já ter em mãos um esboço dos estatutos para o Sindicato. No final dessa reunião, estava fundado o Sindicato. A diretoria eleita nesse dia era assim constituída: Presidente: Sr. Celso Torquato Junqueira, Vice-Presidente: Capitão Getúlio Lima, Secretários: Edison Leite de Moraes e Dr. Carlos Enout, Tesoureiros: Srs. José Jorge Junqueira e Sebastião de Almeida Prado.

A formação desse Sindicato serviu apenas para podermos avaliar hoje quanto se produzia de café na região de Orlândia. Esses 10 milhões de pés representavam um enorme faturamento. Não se tem mais nenhuma notícia sobre a atuação desse Sindicato Regional Agrícola. Parece que foi apenas uma tentativa de se criar um órgão representativo da classe de produtores. Tudo ficou apenas na tentativa.

Inauguração do Club Orlândia. Era o dia 17 de dezembro de 1917.



1 - Francisco Marcolino Diniz Junqueira
2 - Sebastião de Almeida Prado
3 - Ismar de Vasconcellos
4 - Elza Junqueira de Almeida Prado
5 - Odete Junqueira Leite de Moraes
6 - Edison Leite de Moraes
7 - Dr. Alfredo de Vasconcellos
8 - Tônico Azevedo
9 - Zica Meirelles
10 - Dalila Meirelles
11 - Mariquinha Resende Meirelles
12 - Antonio Olinto Diniz Junqueira
13 - Magino Diniz Junqueira
14 - José Monzaca de Andrade
15 - Desconhecido

16 - Dr. Carlos Enout
17 - Acácio Diniz Junqueira
18 - Edmundo Diniz Junqueira
19 - João Francisco Diniz Junqueira
20 - Jair Cardoso
21 - Marieta Martins
22 - Domingos Cividanes
23 - Chair Nogueira
24 - Celina Siqueira
25 - Irene Junqueira Enout
26 - Leonor Vasconcellos
27 - Castorina Furtado
28 - Walkyria Vasconcellos
29 - Alzira Santos
30 - Edith

No mês de dezembro de 1931, a Força Pública do Estado de São Paulo estava comemorando 100 anos de existência. Foi feito um apelo a todas as cidades do interior para organizar festividades pela data. Em Orlândia houve um desfile em homenagem.



Desfile feito em Orlândia em homenagem ao centenário da Força Pública de São Paulo. Era o dia 15 de dezembro de 1931. Momento em que o desfile passava em frente à casa do Sr. Edison Leite de Moraes, na Praça Coronel Orlando.

Alguns acontecimentos do ano de 1931 em Orlândia e Região:

Janeiro

Ficam noivos Laís e Edgar. Ela filha do Sr. Arthur Oliva e ele filho do Sr. Julino Manoel, de Ribeirão Preto.

O casal Aristides Cividanes e Dona Maria José tem mais uma filha. (Parabéns, Lola. Você foi notícia desde o dia em que nasceu.)

Fevereiro

Acontece em Orlândia um recital de canto do barítono português Nicolau Gomes da Cunha. Cotinha Quadros acompanhou ao piano.

Março

Segue para Batataes, a fim de continuar seus estudos, o jovem Dirceu Costa Curta.

Ficam noivos, em Salles Oliveira, Osmar Rocha e Olamira. Ela, filha do Capitão Vital Pereira Lima.

Ficam noivos, em São Joaquim, Laura Resende Junqueira e Jorge Diniz Junqueira.

Nasce o primeiro filho do casal José Galvão de França e Lúcia Garcia Galvão.

Morre em São Joaquim o Sr Luiz Barbante.

Ficam noivos Augusto Dalla Pria e Helena de Andrade. Ela, filha do Sr. José Margarino de Andrade.

Nasce o menino Washington, filho do oficial de justiça Ângelo Privato.

Casam em Salles Oliveira José Siqueira e Jacyra Junqueira Reis.

Maio

Casam Avelino dos Santos e Bernardina Santos Vieira. Ela, filha do Sr. Antonio dos Santos Vieira, dono do Hotel Vieira.

Casam João Bordignon e a Senhorita Noêmia Marta Feijão.

Julho

Grande Baile Caipira no Club Orlândia, promovido pelo Sr. Cid Castro Prado.

Agosto

Morre Dona Antonia Dalbelo Bordignon, esposa do Sr. Pedro Bordignon.

Setembro

Casam Olímpio Valle com Isaura Ciconelli.

Nasce Maria de Lourdes, filha de José Antunes e Dona Laura Antunes.

Outubro

Nasce Carmelinda, filha do Sr. Virgílio Ferreira Jorge e Dona Guiomar.

Ficam noivos, em Nuporanga, Orlando Canevari e Paulina Bianchini.

Morre Haroldo, filho do Sr. Mozart Junqueira.

Novembro

Casam Mário Furtado e Helena Novielo.

Nasce Terezinha, filha do Sr. Lindolfo Galvão de França e Dona Hercília.

Dezembro

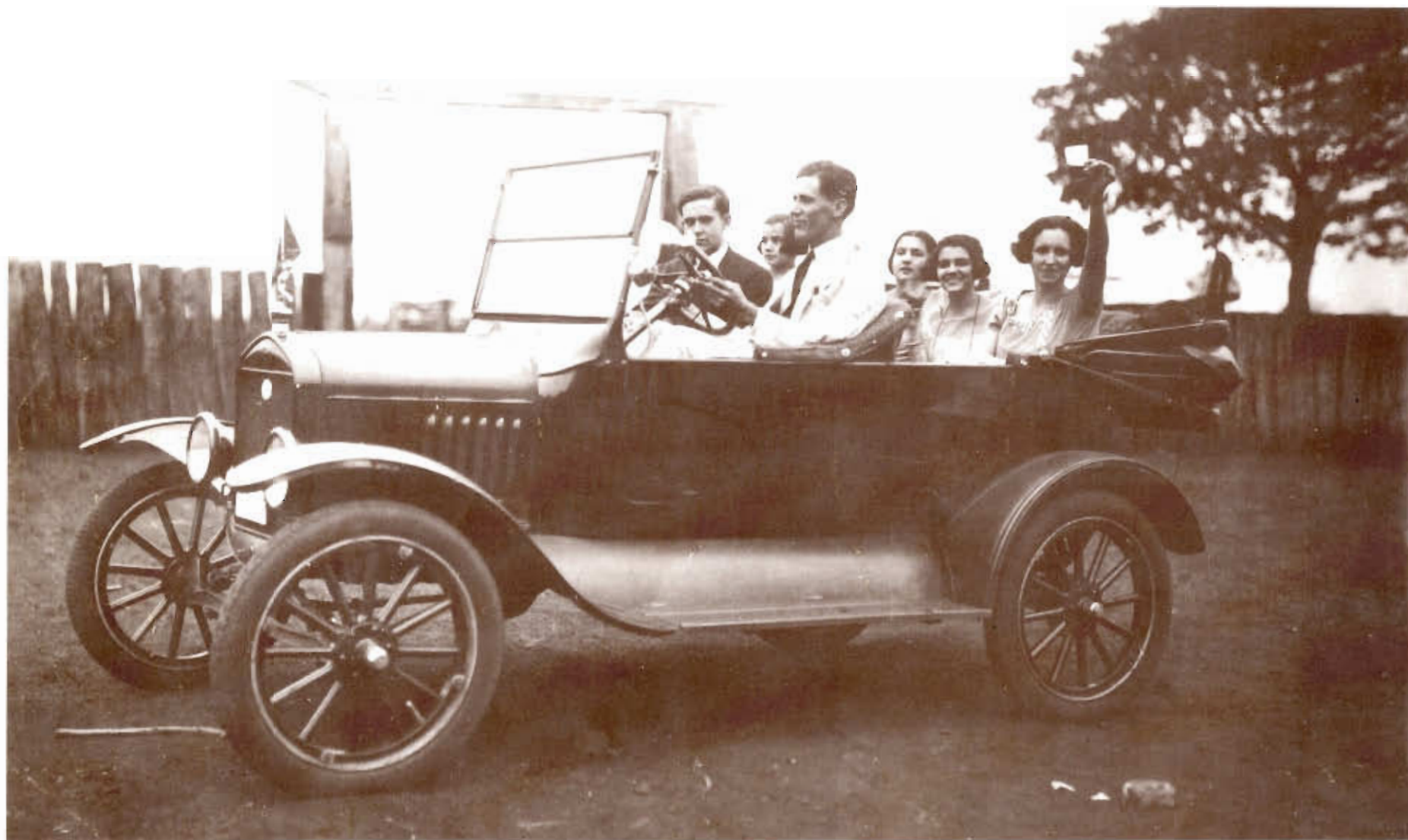
Ficam noivos Ester Resende Junqueira e o Sr. Naur Junqueira Franco.

Ficam noivos Antonio Eloi e Angelina Bucci.

A comemoração da passagem de 1931 para 1932 foi bem mais fraca que a do ano anterior. Houve apenas um “assustado” no Club Orlândia. Chamava-se “assustado” uma festividade pequena. Quase um baile. Esse assustado não contou com a participação do *Jazz Band Bico de Lacre*. Eles já eram famosos nessa época. Talvez estivessem tocando em outra cidade. Nesse janeiro de 1932 houve eleição no Club Orlândia. Foram eleitos: Presidente Dr. Hermógenes Prado, Vice Sr. João Alves Meira, Tesoureiro continuava o Sr. Mozart Junqueira, Secretário Sr. Altino Cividanes e Orador Dr. João Alves de Andrade. O Club Orlândia estava completando 15 anos de existência em 1932. Ele foi inaugurado no dia 17 de dezembro de 1917, no mesmo lugar onde até hoje está o CREO. Em 1917, naquele quarteirão, só existia o Grupo Escolar Coronel Orlando. Aproveitaram o grande espaço vazio que havia lá e construíram o Club Orlândia. A construção foi feita com o apoio financeiro do Coronel. Terminada a obra, foi marcado o dia 17 de dezembro de 1917 para a festa de inauguração.

Naquela manhã de fevereiro de 1932, Orlândia amanheceu com muita chuva. Suas ruas estavam lavadas pela enxurrada que corria nos paralelepípedos ainda novos. A cidade estava com calçamento há apenas 10 anos. Para a vida de uma pedra, dez anos não é nada. Choveu até as 10 horas da manhã. Depois o tempo limpou e um sol muito forte secou rapidamente as ruas tranqüilas. O Faustino Cividanes pegou sua máquina fotográfica e convidou seu irmão Altino para um passeio de automóvel. Naquele tempo dar uma volta de automóvel era “um programa”. O Altino sugeriu que convidassem algumas moças. Assim foi feito. Durante o passeio, o Faustino pediu que uma das moças tirasse uma fotografia dele. Arrumou cuidadosamente a abertura do diafragma da máquina para a claridade do dia e pediu para ser fotografado na direção do carro. Graças a esse dia, conseguimos uma fotografia do Faustino. Ele era sempre o fotógrafo e por isso nunca aparecia nas preciosas fotos que tirou de Orlândia.

Em 1931, nasceram em Orlândia 435 crianças e morreram 239 pessoas. Como dá para se ver, a cidade era muito pequena. Mesmo assim, já contava com bons estabelecimentos comerciais. Tinha duas boas farmácias. A Farmácia Orlândia, do Sr. Virgílio Ferreira Jorge e a Farmácia Santa Genoveva, na rua 1, número 438, que o Sr. Oswaldo Ribeiro Junqueira tinha comprado há pouco tempo. Orlândia tinha ainda um empório de calçados do Sr. Morandini, onde tinha sido a Agência Chrysler, a Casa Ítalo-Brasileira, do Sr. Luiz Izalberti, uma padaria na rua 1, do Sr. Luiz Benine, a loja A Notícia, do Sr. Altino Cividanes, na rua 2, a madeireira do Luiz Marcussi na avenida 1, a Casa Econômica, do Sr. José Ribeiro de Paula, que tinha um grande sortimento de secos e molhados, uma empresa de laticínios na avenida 2, a Casa Garbim, na esquina da avenida 5, a oficina do Pedro Massaro, na praça B (mais tarde Mário Furtado), a Casa São João, do Sr. Hugo Dedgiovani, e a casa Mei.



Ao lado do motorista, Altino Cividanes
Na direção do carro Faustino Cividanes. A ele devemos a maioria das fotos deste livro.

Essas eram as principais casas comerciais de Orlândia nos anos 31 e 32. Dessas casas, a mais antiga era a casa Mei. Ela veio para Orlândia em 1918. Os irmãos Mei já tinham uma casa comercial em Nuporanga e resolveram abrir uma filial em Orlândia. Vieram para Orlândia os irmãos José Mei (Bepe) e Augustinho Mei. Tentaram tocar o negócio sozinhos. Logo trouxeram o irmão Quinto para ajudar. Assim, a Casa Mei, nos seus primeiros anos, pertencia aos três irmãos. Esses três comerciantes merecem um tributo de respeito e admiração de todos nós, orlandinos. Criaram um estabelecimento comercial que já tem 80 anos de vida. Isso não é fácil de se ver. Orlândia teve muita sorte de contar com famílias como os Mei, os Dedgiovani, os Garbim, os Massaro, os Marcussi, os Civildanes, os Benine e muitos outros que vieram morar aqui, logo no começo da evolução da cidade.

Isso deve ter sido muito importante para o seu desenvolvimento. Depois de 1932, vieram muitas outras famílias. Esse livro se restringe aos fatos até mais ou menos 1932.

Procurei fotos que ilustrassem as casas comerciais dessa época. Foi muito difícil. Precisamos lembrar que em 1931 tirar fotografia era uma coisa mais cara que hoje. Ninguém tirava fotos se não fosse por algum motivo bem justificável. Mesmo assim, consegui algumas que estão nas páginas seguintes.

A fotografia da Casa Mei é seguramente da década de 20. As demais fotos são todas da década de 30.

Os irmãos Mei trouxeram de Nuporanga a sua experiência comercial. Fizeram uma tentativa de se estabelecer em Orlândia. A tentativa deu tão certo que já dura 80 anos.



Casa Mei no início de década de 20.

Da esquerda para a direita: Quinto José Mei, José Mei (Sr. Bepe), Benavenuto Creto (funcionário), Augustinho Mei

Casas comerciais de Orlândia de antigamente.



Sr. Hugo Dedgiovani na sua CASA SÃO JOÃO
Final da década de 30



Sr. Luiz Izalberti na sua CASA ÍTALO BRASILEIRA
Início da década de 30

Orlândia de antigamente. Pessoas que dignificaram com seu trabalho a terra onde escolheram para viver.



Pedro Massaro na sua oficina na Praça B (hoje Mário Furtado) Foto cerca de 1930.

Orlândia de antigamente. Não podendo descrever as personalidades de todas as pessoas que viveram aqui na década de 30, vamos pelo menos conhecer a fisionomia de algumas delas.



Dr. Alfredo de Vasconcellos.

Saiu da Paraíba e escolheu Orlândia para viver. O povo ganhou um grande amigo e a cidade um ótimo advogado. Ele e Dona Leonor criaram raízes aqui.



Antonio Olímpio Diniz Junqueira.

Irmão do Coronel Orlando. Seu filho José Jorge casou com Sophia de Almeida Prado, sua filha Elza com Sebastião de Almeida Prado e sua outra filha Odete com Edison Leite de Moraes.

Orlândia de antigamente. Eles estavam aqui em 1931.



Orlando Prado Diniz Junqueira
Na época da Interventoria foi nomeado Prefeito de Morro Agudo.
Sem ele não seria possível editar-se esta Memória Fotográfica.
Dos seus arquivos grande parte do material que está aqui.



Arthur Oliva. Era escrivão de polícia e rábula (advogado sem diploma). Foi grande orador. Companheiro político do Coronel nas horas boas e más. Ele e o Coronel Orlando estiveram na mesma prisão logo depois da Revolução de 1930.



Foto de 1905. Domingos Cividanes e sua esposa Dolores Peres Cividanes. Foi ele quem fundou o Jornal *O Nuporanga*, que mais tarde seria *A Notícia*. Ficou viúvo pouco tempo depois dessa foto. Seus filhos, da esquerda para a direita, em pé: Altino, Albertina e Faustino. Aristides Cividanes está sentado na frente.



Aristides Cividanes e sua esposa, Dona Maria José



Faustino Cividanes. Morreu solteiro em 1934.
A ele devemos quase todas as fotos desta memória fotográfica.



Edmundo Diniz Junqueira



Antonio de Quadros, sua esposa Dona Maria e sua filha Doca. Dono do Cartório do Primeiro Ofício. Veio de Ituverava e virou um autêntico orlandino.



Sinhá Quadros.



Armando Rodrigues.



João Marques na sua barbearia.



Um domingo na gruta de Orlândia. A partir da segunda metade da década de 20 era lá que tudo acontecia. Da esquerda para a direita: Helena (irmã de Maria José), Julieta de Campos, Maria José Cividanes, Albertina Cividanes, Marietinha, esposa de Sebastião Orlando Diniz Junqueira (Tão), Aristides Cividanes e Altino Cividanes.

Fazenda Boa Esperança em Orlândia. Aqui nesta fazenda viveu João Francisco Diniz Junqueira, filho mais velho do Coronel Orlando. Foi aqui que João Francisco fez, durante 50 anos, uma seleção de cavalos mangalarga que ficaria conhecida em todo o Brasil. Seus conhecimentos práticos de hipologia eram baseados em teorias que só foram reconhecidas

muitos anos depois. Ele dizia que animal só reage se não entender o que queremos que ele faça. Com carinho, um animal é capaz de até mesmo andar num automóvel. Tenho retratos dele subindo escada a cavalo, andando em animal com os olhos vedados etc.



João Francisco Diniz Junqueira na direção do seu carro.



Francisco Marcolino Diniz Junqueira e sua esposa Marieta da Rosa Martins. Uma bala accidental tirou sua vida em plena mocidade. Morreu no dia 26 de outubro de 1922. Deixaram dois filhos que muito fizeram por Orlândia: Roberto e Geraldo.



Edison Leite de Moraes. Veio de Campinas para Orlândia em 1912 como contador do Banco de Custeio Agrícola. Em fevereiro de 1914 monta uma escola de contabilidade: "Curso Teórico e Prático de Escrituração Mercantil". Em abril de 1916 é contratado pelo Coronel Orlando para ser o chefe do seu escritório. Em maio de 1916 torna-se gerente da Casa Bancária Coronel Orlando. Em junho de 1917 fica noivo de Odete Diniz Junqueira. Acabou sendo o maior industrial de Orlândia.



Albertina Cividanes. Primeira jornalista de Orlândia.
Sem ela não seria possível publicar-se este livro.



Sebastião Orlando Diniz Junqueira, filho do Coronel Orlando,
carinhosamente chamado de Tão.



Dr. Ignácio Meirelles Bastos. Casou com Adélia, neta do Coronel Orlando. Engenheiro agrônomo formado pela Escola Luiz de Queiroz de Piracicaba, em 1920. Cafeicultor na Noroeste. Foi Prefeito de Pirajuí de 1941 a 1946.



Oswaldo Ribeiro Junqueira. Veio de Uberaba, comprou a Farmácia Santa Genoveva e o Torrador Fabrizzio. Foi uma grande aquisição para Orlândia. No futuro, ele seria um dos mais importantes políticos da região. Foi Prefeito e várias vezes deputado.



Virgílio Ferreira Jorge.

Personalidade muito conhecida na década de 30.

Foi nomeado suplente de Delegado em janeiro de 1931. Dono da Farmácia Orlândia. Um grande incentivador do futebol em Orlândia. No futuro seria um homem de influência política. O jovem Maurício, filho do Sr. Edison Leite de Moraes, seria no futuro um grande político da cidade. Virgílio Ferreira Jorge era o seu braço direito. Deixou o nome no nosso Estádio de Futebol.

8 de julho de 1933. Bodas de prata de João Francisco Diniz Junqueira.

Da esquerda para a direita, na fila de trás: Seus filhos: Francisco, Geny e Orlando. Na fila da frente, da esquerda para a direita: Sua esposa Anna Blandina, João Francisco, suas filhas Madalena e Adélia e seu genro Ignácio Meirelles Bastos. No centro seu pai, Coronel Orlando.



Acácio Diniz Junqueira



Filhos do Sr. Victório Benine

Atrás, à esquerda: Ibraim - Atrás, à direita: Vicente

Na frente, à esquerda: Adolfo (o popularíssimo Dorfinho)

Na frente, à direita: Luiz (grande craque do pólo)

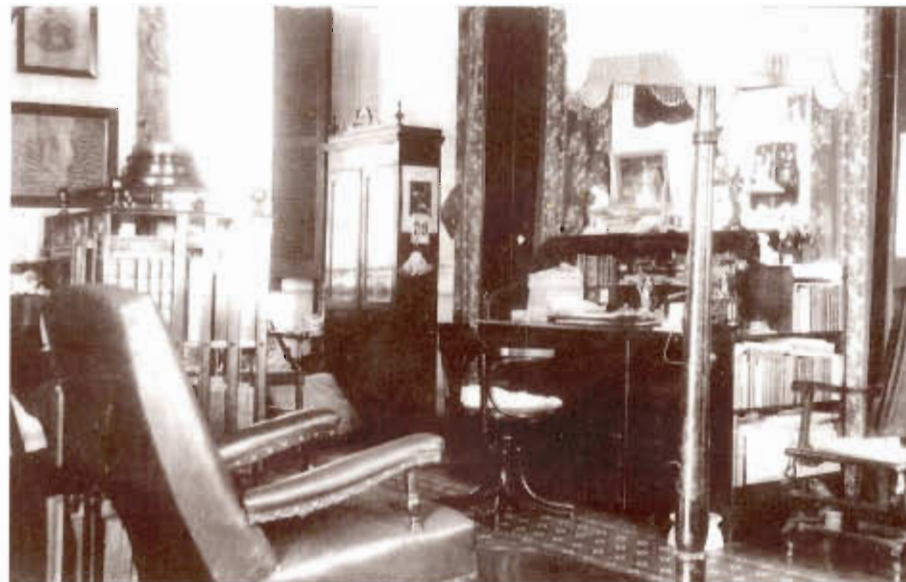


O médico Dr. João Alves de Andrade no dia da sua formatura na Escola de Medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Clinicou durante toda sua vida em Orlândia e deixou saudades entre os que tiveram oportunidade de conviver com ele.



Dr. Hermógenes Prado. Veio de Limeira para exercer a medicina em Orlândia. Casou em segundas núpcias com Ida Olivito, que era de Cravinhos e lecionava em Orlândia. Na foto ele aparece com Dona Ida. Dr. Hermógenes era viúvo da Doca, filha do Sr. Antonio de Quadros.

Dizem que o que envelhece as pessoas não é o tempo e sim alguns momentos. Orlândia viveu muitas horas de alegria e também horas de tristeza.



Interior da casa do Dr. Alfredo de Vasconcellos.

Geny Diniz Junqueira

Foi uma das pessoas mais cheias de vida que Orlândia conheceu.

Numa época que era 'feio' mulher dirigir automóvel, ela já tinha carta e circulava pela cidade com seu carro. Cantava e tocava muito bem violão. Chegou mesmo a gravar um disco. Sua simpatia e seu gênio comunicativo fizeram dela uma figura muito popular em Orlândia.

O destino foi cruel com ela. Ficou noiva em setembro de 1938. Morreu com 21 anos de idade no dia 19 de dezembro de 1938. Uma banal operação de apendicite tirou sua vida numa época em que ainda não havia penicilina. Orlândia sentiu muito a sua morte.



Foto cerca de 1918. Em frente da Igreja Santa Genoveva.

Na fila da frente, da esquerda para a direita: – José Vieira – Cândida Vieira – Não identificado – Não identificado – Abílio Lopes – Remo Massi
Padre Xavier Perrete – Manoel de Souza – Não identificado – José Ortigoso – Esposa de José Ortigoso – Domingos Cress



Nestor Mondio.

Agrônomo formado pela Real Escola Prática de Agricultura de Catanzaro, na Itália. Domingos Cividanes ficou viúvo de Dolores Peres. Casou em segundas núpcias com Maria Peres, irmã de Dolores. Domingos Cividanes morreu e Nestor Mondio casou com Maria Peres. Parece um quebra-cabeças mas não é. É o que aconteceu com um dos homens mais queridos e populares de Orlândia. O músico e braço direito do jornal *A Notícia*.



Fiscais da Secção Santo Antônio da Fazenda Agudo.

Da esquerda para a direita:

Rodolfo Rigolin (deixou muitos descendentes em Orlândia)

Manelão.

Francisco Seabra.



Itália Sacarola Miele.

Teve a coragem de mudar para o Brasil com seu marido Angelo e seus quatro filhos menores no final do século XIX. Ela chegou em Santos no dia 11 de julho de 1887.

Ela tinha 25 anos. Primo 5 anos, Eduardo 3 anos, Carlos 2 anos e Alberto 6 meses. No documento de imigração está escrito "Umberto", e não Alberto, como afirma a família.

Na pequena Vila de Salzano, próxima da cidade de Veneza, na Itália, vivia um casal, descendente de uma tradicional família da região. Esse casal era o Sr. Ângelo Miele e Dona Itália Sacarola Miele. A família Miele estava em Salzano desde o ano de 1092. Há um documento do bispado de Veneza, datado do ano de 1092, que comprova a existência dos Miele naquela localidade, desde essa época. Esse documento diz ainda da honradez e probidade dessa família. Dona Itália e o Sr. Ângelo viviam fazendo planos de, um dia, imigrarem para o Novo Mundo. Quando esse casal tinha quatro filhos pequenos, resolveram pôr em prática esse velho sonho.

Escolheram o Brasil para sua nova pátria e, dentro do Brasil, uma cidadezinha que mal aparecia no mapa. Essa pequena cidade chamava-se Nuporanga. Era o ano de 1887. Tomaram o navio *Bourgogne* com as quatro crianças e se mudaram para Nuporanga. A nossa região iria ficar grata por receber um casal tão qualificado como eram os Miele de Salzano. Esses quatro meninos eram Carlos Miele, Primo Miele, Eduardo Miele e Alberto Miele. Desses quatro, só o Alberto não ficou na nossa região. Ele foi tentar vida nova na região noroeste de São Paulo. Os demais ficaram aqui em Orlândia.

Dona Itália Sacarola Miele ficou viúva um pouco depois de chegar ao Brasil e casou, em segundas núpcias, com Carri Finoccio de São Joaquim da Barra. Carri já tinha um filho do primeiro casamento, que era o Tônico Finoccio.

A família Oliveira iria se entrelaçar com a família Miele.



Carlos Miele.
Um dos quatro filhos de Dona Itália que veio menino para Nuporanga.

Família Oliveira em foto de 1915.

Na frente, da esquerda para a direita:

Emília de Oliveira Miele, casou com Carlos Miele.; Pais de Ida Miele (que está no colo) Irineu, José Alberto (Zé Miele), Ilza Miele, Clovis Miele. Reinaldo e Sebastião. Maria Canutto Miranda Melo, Ana Cassiano de Oliveira (sentada). Foi a parteira oficial dessa região na época. Benoni (menino). Morreu de um desastre no carro de Modesto, pai do Fiico. Cândida de Oliveira Miele, casou com Eduardo. Pais do Eduardo (Dudu Miele), Ruth Angelo, Edson, Wilson, Cândido, Hélio e Hugo. No colo de Cândida está Ruth M. Fabri. E o menino de chapéu, Angelo Miele.

Na fila de trás. Da esquerda para a direita:

Helena de Oliveira Dias Campos, Maria Santana (irmã de Delfina, mulher do Sr. Bepe Mei). Nene Santana. Barbara Miele Martins (mãe do Sr. Antonio Martins, da Orlandia Rádio Club)

Desses quatro meninos que vieram com os pais, Itália Sacarola Miele e Angelo Miele, descendem todos os Mieles de Orlândia. Já vimos os filhos de Carlos e Eduardo. Os filhos de Primo Miele são: Públio, Olavo, Mirtes, José, Ítalo e Ítala (gêmeos), Corina, Marina e Leila. Os filhos de Alberto Miele não sabem

porque ele foi para a região noroeste do Estado de São Paulo e a família não teve mais notícias dele. Carlos Miele se integrou tão bem na vida da nossa região que chegou a ser Vice-delegado de Nuporanga.



Foto de 1912 na Delegacia de Nuporanga.

Sentado no centro:

O Vice-delegado Carlos Miele; Sentado à esquerda está o cabo Queiroz; Sentado à direita está Manuel de Paula, conhecido como Mané Carcereiro. Mané Carcereiro exerceu sua função durante, muitos anos em Orlândia.

Um problema de honra na sua família acabou levando-o ao suicídio.

Algumas pessoas ficam para a história pelos seus grandes feitos. Outras ficam pelos traços da sua personalidade.



Sr. Hugo Dedgiovani.

Além de ter sido um dos maiores comerciantes de Orlândia, foi também um grande amigo da cidade. Quem conviveu com ele vai se lembrar para sempre da sua personalidade.

Orlândia teve alguns habitantes que ficaram pelas duas coisas. Tiveram dignidade na sua função e foram tipos inesquecíveis.



Dr. Raphael da Nova.

Médico Otorrinolaringologista e professor da Universidade de São Paulo. Frequentava muito Orlândia porque era casado com Judith Diniz Junqueira, filha do Coronel Francisco Orlando.



Sr. Joaquim Machado e Dona Lourdes Rodrigues Machado no dia 30 de outubro de 1936. Dia do seu casamento.

Ele era dono do Cartório do Segundo Tabelionato e Comissário de Menores. O rigor e a bondade com que ele agia nos bailes de Carnaval, evitando os excessos da mocidade, ficou na lembrança de todos.



Dr. Durval Junqueira Machado.

Formou-se em Medicina pela Faculdade da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, casou-se com Antonieta de Carvalho e escolheu Orlândia para montar sua clínica. Foi médico aqui durante 30 anos. Deixou muitas saudades entre todos que conviveram com ele. Morava na praça Coronel Orlando. Quando morou no Rio, foi um grande esportista. Foi ponta-esquerda do Flamengo.



Capitão Augusto Luiz Rodrigues. Foto cerca de 1930.

Da esquerda para a direita:

Sentados. A filha Maria Luiza Rodrigues (Luizinha) era freira.

Capitão Augusto Rodrigues.

De pé. Os filhos Cecília Rodrigues Siqueira (casada com Totonho Siqueira), Geraldo Rodrigues e Maria de Lourdes Rodrigues Bonfim. Capitão Augusto Rodrigues veio de Nuporanga e montou um escritório de contabilidade em Orlândia numa chácara que ele comprou, logo abaixo da estação. A casa dessa chácara é uma das primeiras da Vila Orlando. Morou ali até a sua morte, que ocorreu no dia 6 de agosto de 1944. Esta chácara foi vendida pelo seu espólio para Orlando Prado Diniz Junqueira.



Professor Geraldo Rodrigues.

Era filho do Capitão Luiz Rodrigues e de Dona Anésia Cardoso Rodrigues, que era filha do Major Cardoso.

O Professor Geraldo Rodrigues é o que se pode chamar de uma pessoa notável da cidade.

Foi, desde 1929, um dos donos do Liceu Municipal de Orlândia. Grande educador e intelectual de respeito. Teve também grande atuação na revolução de 1932. Foi professor durante tantos anos que praticamente não existe em Orlândia quem não tenha sido seu aluno. Conversei muito com ele para escrever este livro. Um dia ele me perguntou se fui seu aluno. Eu respondi brincando: "Professor Geraldo, aqui em Orlândia só não foi seu aluno quem é analfabeto". No decorrer desse livro vamos encontrar inúmeras referências à sua atuação na vida da cidade.

Esses tiveram carros na praça na década de 30. Eram os poéticos forcinhos 1929. Alguns motoristas dessa época deixaram a marca de sua personalidade no exercício dessa função. Foram figuras tão queridas e estimadas por todos que suas memórias não mais se apagarão da história da cidade.



Fiorige Casaroli.

Nasceu em Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul no dia 21 de março de 1890. Foi administrador de importantes fazendas na região de Orlândia antes de se estabelecer como motorista de praça.



Modesto.

Era filho de escravos. Em 13 de maio de 1888, quando os escravos foram libertados, ele estava com o filho do seu patrão no colo. Pediu licença para comemorar, levando o menino. A licença foi concedida, tal era a confiança que tinham no Modesto. Durante o resto da sua vida ele mostrou ter merecido essa confiança. Esse menino era o meu avô.



Joaquim Cabral.

Nasceu nas proximidades da cidade de Coimbra, em Portugal, no ano de 1892. Até os 17 anos foi pastor de ovelhas na sua terra. Veio para o Brasil e sempre trabalhou aqui em atividades ligadas ao mundo rural. Comprou um carro para pôr na praça por volta de 1936. Exerceu a profissão de motorista durante muitos anos. Morreu no dia 13 de novembro de 1975.

Turma do Tiro de Guerra de 1937.



1 - Milton Jarreta ; 2 - Afonso Namy; 3 - José Adalberto Miele; 4 - Nelson Leite; 5 - Antonio Petroccini; 6 - Antonio Denipoti; 7 - Vicente Benine

Orlândia e a Revolução de 32

O ano de 1932 foi cheio de emoções para os habitantes de Orlândia. A Revolução Constitucionalista deixou marcas profundas na vida de muitas cidades do interior de São Paulo e Orlândia não foi exceção. Mas não foi só isso. No dia 22 de fevereiro de 1932, foi a julgamento o caso do assassinato de Olympio Rosa Junqueira. Isso já movimentou a cidade logo no início desse ano. Esse crime causou grande comoção entre os orlandinos. Olympio, como já vimos, tinha sido assassinado no dia 25 de agosto de 1931. Os acusados eram Fernando Piotto, Nelson Marcossi e Riciere. Era advogado de Fernando Piotto o Dr. Antonio Constantino. O juiz era o Dr. Herotides da Silva Lima, promotor o Dr. Sebastião Lage e escrivão o Sr. Artur Oliva. Como auxiliar da justiça pública, representando a viúva da vítima, assentou-se ao lado do promotor o Dr. Álvaro Teixeira Pinto. O conselho de sentença ficou composto dos jurados Sebastião do Valle Nogueira, Antenor Ozório de Oliveira, Manoel Garcia da Silveira, Viriato de Souza, Amaro Gera, Antonio Aleixo de Paula e Gaspar de Souza Prado. Depois da leitura do volumoso processo, leitura essa que consumiu mais de

2 horas, travaram-se os debates que foram longos, havendo réplica e tréplica. Finalmente, às 17 horas e 30 minutos, os jurados se recolheram à sala secreta, de onde voltaram pouco depois com a absolvição dos réus, pela negativa dos fatos. Fernando foi absolvido por 5 votos a 2 e Riciere por 6 votos a 1. Nelson Marcondes Marcossi foi condenado a 25 anos e 6 meses de prisão. Apelou dessa sentença e saiu livre. Assim termina a história de um crime que abalou a opinião de Orlândia. Nesse mesmo mês de fevereiro de 1932, chega aqui em Orlândia a notícia de que haviam trocado o Governador do Estado. Agora quem iria governar São Paulo era o embaixador do Brasil em Buenos Aires, Dr. Pedro de Toledo.

No começo de 32, instalaram-se em Orlândia algumas importantes casas comerciais. A Comissária de Café Meirelles e Cia. foi uma delas. Seu representante aqui era o Sr. Antonio Siqueira. Na rua 1, junto à Sorveteria Sônia, montou consultório o dentista Jaime Monteiro de Barros, irmão do maestro Hernani Monteiro de Barros que havia composto o hino para o Orlândia Pólo Club. Bem em frente

Graças a algumas fotos tiradas durante esse concurso para escolher a Miss Orlândia de 1932, foi possível recolher a foto dessa página.



Helena de Andrade

Palmira Petrocini

Yolanda Viana

à Sorveteria Sônia foi inaugurada, em março de 1932, uma bomba de álcool para abastecer automóveis. É isso mesmo. Em 1932 já se fazia álcool para ser usado como combustível de veículos. Tem gente que pensa que o álcool combustível só apareceu em 1975 com a criação do Pró-álcool. A notícia de março de 1932, que fala a respeito da inauguração dessa bomba de álcool em Orlândia, diz literalmente o seguinte: “Agora os veículos de Orlândia não precisam ir às cidades vizinhas para abastecer”. Isso mostra que em 1932 já existiam outras bombas de álcool na região. Esse álcool era chamado “álcool motor”. Essa bomba de Orlândia era abastecida pela usina Junqueira, de Igarapava. O Sr. Quito Junqueira, dono da usina, vinha sempre até aqui para aferir a bomba e se hospedava na casa do Coronel Orlando. Esse começo de 32 foi cheio de novidades. Foi nessa época que chegou a notícia da proibição do jogo do bicho. Também nessa época foi inaugurada a primeira linha de ônibus entre Orlândia e Ituverava. A viagem durava duas horas e trinta minutos. Ainda nessa época surgiu uma briga entre os municípios de Orlândia e São Joaquim por causa de divisas. Os ânimos estiveram acirrados e deu muito o que falar entre as duas cidades. A Prefeitura de São Joaquim não só pleiteava parte do território de Orlândia como exigia o reembolso de 40 contos de réis de impostos recolhidos indevidamente por Orlândia. A briga teve a seguinte origem:

A lei que criava a Comarca de São Joaquim da Barra dizia que

a divisa era o Ribeirão Santo Antônio. Acontece que a cabeceira do Santo Antônio não estava muito definida e a Prefeitura de São Joaquim resolveu fazer uma consulta ao Departamento de Administração Municipal a fim de esclarecer o assunto. Esse simples fato mexeu com os brios dos orlandinos. O Departamento, que era um órgão estadual que só conhecia os fatos por mapa, deu uma resposta sem pé nem cabeça. Dizia que o Ribeirão Santo Antônio tem três cabeceiras bem definidas: Palmeiras, Barreiro e Morro Cavado. Dessas três a principal seria o Morro Cavado e portanto essa era a divisa. A resposta era estapafúrdia porque o Morro Cavado é um afluente do Santo Antônio e não uma de suas cabeceiras. Os dois prefeitos acharam por bem parar por aí e não falar mais no assunto. A divisa ficaria onde estava e fim de discussão. Acho que já deu para perceber que 1932 começou agitado para os orlandinos. Em meio a toda essa agitação, um fato começou a preocupar as autoridades nesse primeiro semestre. Era o grande aumento de pessoas carentes pedindo esmola na cidade. Em meio à conferência de São Vicente de Paula, que sempre se preocupava com esses problemas, resolveu-se intensificar uma campanha para arrecadar fundos e construir um abrigo para um “Centro de Assistência Médica aos mendigos de Orlândia”. Resolveram criar um concurso de Miss Orlândia, onde os votos seriam vendidos a 500 réis cada um. Isso daria uma boa arrecadação. Basta lembrar que nessa época 1 quilo

de filé era vendido a 1 mil réis no açougue do Chico e do Luiz Benine. Os pontos de venda de votos eram a loja *A Notícia* e o bar *Avenida*. Foi criada uma comissão organizadora para esse concurso de Miss Orlândia, composta pelos senhores Sebastião José Lages, Manso Pereira, Geraldo Rodrigues, João Augusto Meira, Said Abrahão, Jaime Monteiro de Barros e Adolfo Morandini. Essa comissão pôs mãos à obra e na primeira semana já haviam sido vendidos 127 votos. No dia 2 de julho já estavam apurados 209 votos assim distribuídos: Helena de Andrade 70 votos. Helena era filha do Sr. José Margarino de Andrade que foi Prefeito de Orlândia por apenas 25 dias. Clay Viana Leal 40 votos, Eleodora de Paula 36 votos, Cecília Rodrigues 30 votos, Mariquinha Petrocini 11 votos, Leonor Garcia 10 votos, Benedita Silva 6 votos, Mariquinha Munari 5 votos e Hassib Simões 1 voto. Os preparativos para o dia da votação final já estavam definidos. Haveria um grande baile no Club Orlândia, quando se proclamaria oficialmente a eleição de Miss Orlândia. Marcaram esse grande final para o dia 9 de julho de 1932. Ninguém sabia que, para esse dia, estava sendo tramado, em surdina, um acontecimento muito mais importante para a vida nacional. Estouraria a Revolução Constitucionalista. É claro que não aconteceu o baile. O País ficou apreensivo naquela manhã de 9 de julho de 1932.

Naquela manhã desse dia, enquanto começava a decoração do Club Orlândia para o grande baile de coroação de nossa Miss,

chegou a notícia do início da Revolução. Os preparativos foram suspensos e toda população ficou de ouvidos ligados nos rádios para conhecer o desenrolar dos acontecimentos. Nessa madrugada, o Comandante da II Região Militar, General Euclides de Figueiredo, fez uma viagem camuflada ao Rio de Janeiro. Chamou sua família e disse que tinha uma missão a cumprir na Capital Federal. Na verdade ele iria para o vale do Paraíba encontrar com tropas de Minas, Rio Grande do Sul e Mato Grosso para dar início a uma revolução contra o Governo Federal. Seus planos foram frustrados porque, na verdade, só São Paulo reuniu tropas no local previamente combinado. Essa combinação prévia foi feita dentro do maior segredo. Nem a família do General Euclides sabia do que estava para acontecer nessa madrugada de 9 de julho. Ele apenas chamou seu filho de 14 anos, João Batista, e fez uma recomendação especial. “Se alguma coisa de ruim vier a acontecer comigo, você será o novo chefe da família”. João Batista, 45 anos depois, seria o Presidente da República do Brasil. Os próximos meses foram de apreensão e angústia para o povo do Estado de São Paulo que ficou sozinho lutando contra as tropas Federais. Orlândia teve papel importante nessa luta. Antes mesmo do início da Revolução, nossa cidade já tinha se manifestado a favor da Constituição vigente. Foi no dia 22 de janeiro, quando se comemorou o IV Centenário da Fundação de São Vicente. Nesse dia, veio para Orlândia o professor de História do Brasil

do Ginásio do Estado da Capital, Dr. Alfredo Ellis Junior. O Professor Ellis chegou de manhã na estação e ali foi recebido por uma multidão. Sua missão era aproveitar a data e pregar contra o Governo Vargas. Ali mesmo começaram os discursos. Quem falou primeiro foi o Professor Geraldo Rodrigues que pregou abertamente a favor de uma constituição que garantisse a democracia. O professor Geraldo Rodrigues demonstrou grande coragem porque estava presente o nosso Juiz de Direito, Dr. Erotides da Silva Lima, que era conhecido getulista. Nesse dia 22 de janeiro de 1932, Orlândia comemorou com entusiasmo o aniversário de São Vicente. Dá para desconfiar, pois não havia tanto interesse assim no aniversário de uma cidade que estava a 500 km de Orlândia. Na verdade a data era apenas uma desculpa para se falar em liberdade, democracia e outros temas ameaçados por uma ditadura que estava se esboçando. À noite, o Teatro Municipal iria receber grande público para ouvir o Professor Alfredo Ellis falar. Antes do início da palestra do professor Ellis, o nosso Juiz de Direito, da frisa reservada para as autoridades, pediu a palavra. O público ficou em suspense. Todos sabiam que o Dr. Erotides era getulista e que ali se ia falar mal de Getúlio. O Juiz falou durante duas horas e trinta minutos. Ele queria apenas cansar o público para ver se esvaziava o Teatro antes da pregação do Dr. Ellis. Ninguém saiu. O Professor Alfredo Ellis começou a falar e as luzes se apagaram. Era evidentemente um curto circuito proposital. Acenderam velas e os ânimos ficaram mais inflamados ainda.

Era 22 de Janeiro de 1932.



A chegada do Professor Alfredo Ellis Junior na estação de Orlândia.

1 - Dr. Durval Junqueira Machado 2 - Acácio Diniz Junqueira 3 - Dona Elvira, Casada com Acácio 4 - Dona Clotilde, Casada com o Prefeito Celso Torquato Junqueira. 5 - Dr. Said Abrahão 6 - Dr. Altino Arantes 7 - Professor Alfredo Ellis 8 - Dr. Chair Nogueira.

Dia 22 de janeiro de 1932. Em frente à estação da Mogiana, na cidade de Orlândia, eram plantadas as primeiras sementes da Revolução Constitucionalista.



Embarque de tropa para a Revolução de 32.

O primeiro à esquerda é o Coronel Chico Orlando. O menino de boné é Francisco Diniz Junqueira. O terceiro da esquerda para a direita é Orlando Prado Diniz Junqueira. O quarto é o Prefeito Celso Torquato Junqueira. Naquele tempo o bom cavalo tinha uma grande importância na guerra. Os melhores cavalos do Estado de São Paulo estavam no município de Orlândia.

Usando o paralamas de um fordinho 29 o Professor Alfredo Ellis Júnior faz um inflamado discurso defendendo uma Constituição decente que garantisse, acima de tudo a Liberdade.

Ao seu lado está o Dr. Alfredo de Vasconcellos.

Foi nesse dia que o Professor Geraldo Rodrigues não se intimidou com a presença do Juiz Dr. Erotides.

A revolução de 32 foi uma guerra inglória para São Paulo e bem por isso uma grande demonstração de bravura e solidariedade do povo paulista. Foi a luta de São Paulo contra o Brasil, sem a menor chance de vitória. A guerra durou apenas 90 dias. Por isso mesmo, foi uma demonstração de coragem de todos que tomaram parte nela. Orlândia deu uma

colaboração muito importante nessa Revolução. O Professor Geraldo foi um dos orlandinos que mais se esforçou para ajudar a causa revolucionária. Ele organizou o primeiro voluntariado que chegou na capital para ficar à disposição do Comando Geral. Esse grupo de voluntários chegou na primeira semana de agosto e era formado pelos moços: Arlindo Orsi,



Oficina improvisada para confeccionar uniformes para os soldados. As senhoras que sabiam alguma coisa de corte e costura faziam revezamento para produzirem o máximo possível.

Francisco Ribeiro da Costa, Jerônimo Lemos, Tertuliano Rodrigues, Antonio Rafael dos Reis, Bráulio Terra, Antônio Salustiano, Juvenal das Neves, José Jovino, Juarez Correia, Saturnino Pereira e João Luiz da Silva. Senhoras de Orlândia e região levaram suas máquinas de costura para uma oficina improvisada e faziam uniformes para os soldados durante 24 horas por dia.

Orlândia colaborou com mercadorias e dinheiro. Em agosto foi feita uma campanha para arrecadar dinheiro para a compra de capacetes de aço. Em uma semana foram arrecadados 4 contos de réis, o que, sem dúvida, era muito dinheiro, Orlândia



recebeu um telegrama da Comissão Organizadora de Donativos pedindo que fossem enviados com urgência voluntários acostumados a trabalhar pesado em serviço de lavoura. Os moços que estavam chegando não agüentavam o trabalho de cavar trincheiras.

No dia 20 de agosto a Prefeitura recebe o seguinte telegrama: “Fazemos máximo empenho obter voluntários dispostos para o trabalho, com mãos calejadas, demonstrando hábito manejar enxadas, pás, picaretas etc... Pedimos empenho sejam embarcados para São Paulo o maior número deles que possa arranjar”.

Pela comissão,

Luiz Pizza Sobrinho

Antonio C. de Abreu Sodré

Alguns dias depois desse telegrama, embarcava na estação de Morro Agudo a primeira leva de voluntários com as características pedidas.

No dia 30 de agosto de 32, o Município de Orlândia já tinha mandado mais de 150 voluntários. Esses voluntários escreviam cartas para as famílias e dessas cartas é possível conhecer alguma coisa a respeito, da vida nas trincheiras. De São Bento do Sapucaí escrevia Péricles Garcia: “Ouviram pelo rádio a notícia de São Bento do Sapucaí ter sido tomada pelas forças ditatoriais? Pela rádio eles vêm falando. Infelizmente, nessa notícia que a rádio da ditadura deu como uma glória, houve uma verdade. Eles de fato assassinaram bárbara e covardemente um dos nossos homens”.

Gumerindo Vieira, da Cavalaria Rio Pardo, escreve a Faustino Cividanes:

“Setor sul 20/08/1932

Caro Faustino:

Os meus votos pela sua saúde é que de coração auguro. Cada dia que passa, maior é o nosso amor pela nobre causa. Jamais esperava ver o entusiasmo do soldado paulista. Esperamos e aguardamos para breve a vitória, se Deus quiser, e então iremos à procura de outra vitória que será matar a saudade de Orlândia, hoje tão distante”.

Sr. Ivan Oliva escrevia ao seu pai Arthur Oliva:

“São José do Rio Pardo

5 de setembro de 1932

Bom Pai:

Depois do meu batismo de fogo, sinto-me mais soldado. Soldado que luta por esse Brasil que não conhecia o peso dos paulistas. O combate começou desde quando chegamos até que o inimigo fugisse. Eu estou disposto a tudo, mesmo a sacrificar-me pela liberdade e pela lei.

Do seu filho
Ivan”.

No dia 3 de agosto o Professor Geraldo Rodrigues escrevia para Orlândia, do Batalhão Piratininga:

“Soldados de São Paulo em armas, pela mais nobre e mais ansiosamente esperada das campanhas, daqui do sopé das alcantiladas montanhas mineiras, onde esperamos o grito de avançar e de vencer. Vivos na vida ou vivos na morte, enviamos à nossa terra uma saudação quente e sentida, jurando que saberemos honrar o nome de Orlândia altiva e paulista. Que entre nós, para nossa felicidade e glória, a sua parcela de sacrifício no banquete sagrado da honra e da vindima. Às nossas famílias mandamos nossas orações.

Nós que estamos aqui, sob o solo rasgado das trincheiras, sob o delírio de ouro do sol e sob a bênção luminosa das estrelas, sentimos o mesmo coração palpitante da cidade verde dos cafezais que é nossa querida Orlândia.

Fronteira de Minas, 3 de agosto de 1932
Geraldo Rodrigues”.

O Dr. Jader Guimarães Lara, médico conhecido em Morro Agudo como Dr. Lara, se apresentou como médico voluntário. Foi rejeitado porque já tinha muito médico no voluntariado. Ele não teve dúvida. Voltou a se apresentar como soldado raso e foi engajado na “Legião Negra”.

Uma das primeiras vítimas em nossa região na Revolução de 32, foi o médico de Batataes Dr. Amador de Barros. Dr. Amador seguiu como voluntário e foi comissionado no posto de Primeiro-tenente. Era chefe de ambulância no Quarto Batalhão de Caçadores. Morreu quando socorria feridos em campo de batalha na cidade de Itararé. A notícia da sua morte enlutou também a cidade de Orlândia, onde tinha muitos amigos. O Dr. Hermógenes Prado mandou celebrar uma missa aqui pela alma do seu colega e amigo no dia 12 de agosto de 1932.

Outra vítima dessa Revolução foi Nélio Guimarães, da cidade de Salles Oliveira. Nélio Batista Guimarães tinha 24 anos e cursava o terceiro ano de Direito da Faculdade do Largo São Francisco. Era filho de Honorina Vieira Guimarães e do Sr. Luiz José Guimarães. Morreu no dia 13 de setembro de 1932 às 13 horas, num hospital de Campinas, em consequência de ferimentos recebidos em combate. Um trem especial levou seu corpo de Campinas até Salles Oliveira.

Onde os filhos de Orlândia e região tiveram maior atuação na Revolução de 32 foi no “Regimento de Cavalaria do Rio Pardo”. Esse regimento era constituído por 33 oficiais e 280 praças e era comandado pelo Major da Força Pública de São Paulo, Alfredo Feijó.



Oswaldo Ribeiro Junqueira.
 Foi soldado do Regimento de Cavalaria do Rio Pardo.
 No futuro teria importante atuação política em Orlândia.
 Nasceu no dia 25 de setembro de 1903, em Uberaba.
 Veio para Orlândia aos 19 anos.
 Era formado em Farmácia e trabalhou inicialmente na farmácia do Virgílio Ferreira Jorge.
 Comprou depois a Farmácia Santa Genoveva e o Torrador Fabrizio, que existem até hoje. Foi duas vezes Vereador e duas vezes Prefeito de Orlândia.
 Em 1949 foi Diretor-Presidente da Carteira Agrícola do Banco do Estado de São Paulo. Foi Deputado Estadual em 2 legislaturas, 1951 e 1959.
 Foi bom soldado e ótimo homem público.



Da “Legião Negra” o Dr. Jader Guimarães Lara, de Morro Agudo, passa um telegrama ao Prefeito de Orlândia, Celso Torquato Junqueira: “Peço-te o máximo esforço no sentido de enviar-me maior número possível de voluntários de cor para nossa legião. Sem exagero são os melhores soldados do nosso exército”.

Naquela noite fria e chuvosa de 14 de setembro de 1932, o Regimento de Cavalaria do Rio Pardo recebeu uma missão difícil que iria custar a vida de duas pessoas de Orlândia. Era tomar a sede da Fazenda Santa Inês, no município de Capão Bonito. O Tenente Henrique Junqueira Franco, que tinha mudado fazia pouco tempo para Orlândia, escolheu alguns soldados de confiança para tomarem a sede da Fazenda na madrugada do dia 15 de setembro. Entre os escolhidos estavam Mário Furtado e Gildo Dias. Caía uma chuvinha fina quando todos partiram do acampamento, em absoluto silêncio, e começaram a caminhada pela escuridão da mata. Do acampamento até a sede da Fazenda Santa Inês eram mais ou menos 15 quilômetros. Chegariam na sede ao raiar da madrugada. Todos achavam que na casa da sede não tinha ninguém. Estavam enganados. Lá estava um contingente completo de forças da ditadura. Quando estavam a uns 100 metros da porteira de entrada receberam uma saraivada de balas. O Tenente Henrique Junqueira Franco recebeu um tiro no peito e caiu na hora. O Mário Furtado tentou socorrê-lo e levou um tiro na altura do ombro. Tentou se proteger mas levou um segundo tiro, dessa vez, no peito. Mário Furtado caiu morto quase ao lado do Tenente Henrique. Gildo Dias, que estava logo atrás, recebeu vários tiros nas pernas. Rolou por uma ribanceira e conseguiu sair com vida daquele inferno. Estava assim terminado um episódio que enlutou Orlândia. O Tenente Henrique Junqueira Franco morava em Orlândia há

pouco tempo. Era funcionário do Instituto do Café. Mário Furtado era figura muito querida da cidade. Morreram quase no fim da Revolução. Terminada a refrega da Fazenda Santa Inês, foi sentida a ausência de Airton Roxo de Ribeirão Preto. No dia seguinte, Airton apareceu do outro lado do rio que margeava o acampamento. Reconhecendo os companheiros, saltou na água para fazer a travessia a nado.

Airton Roxo era campeão de natação. Por uma ironia do destino, seu corpo desapareceu entre as águas.

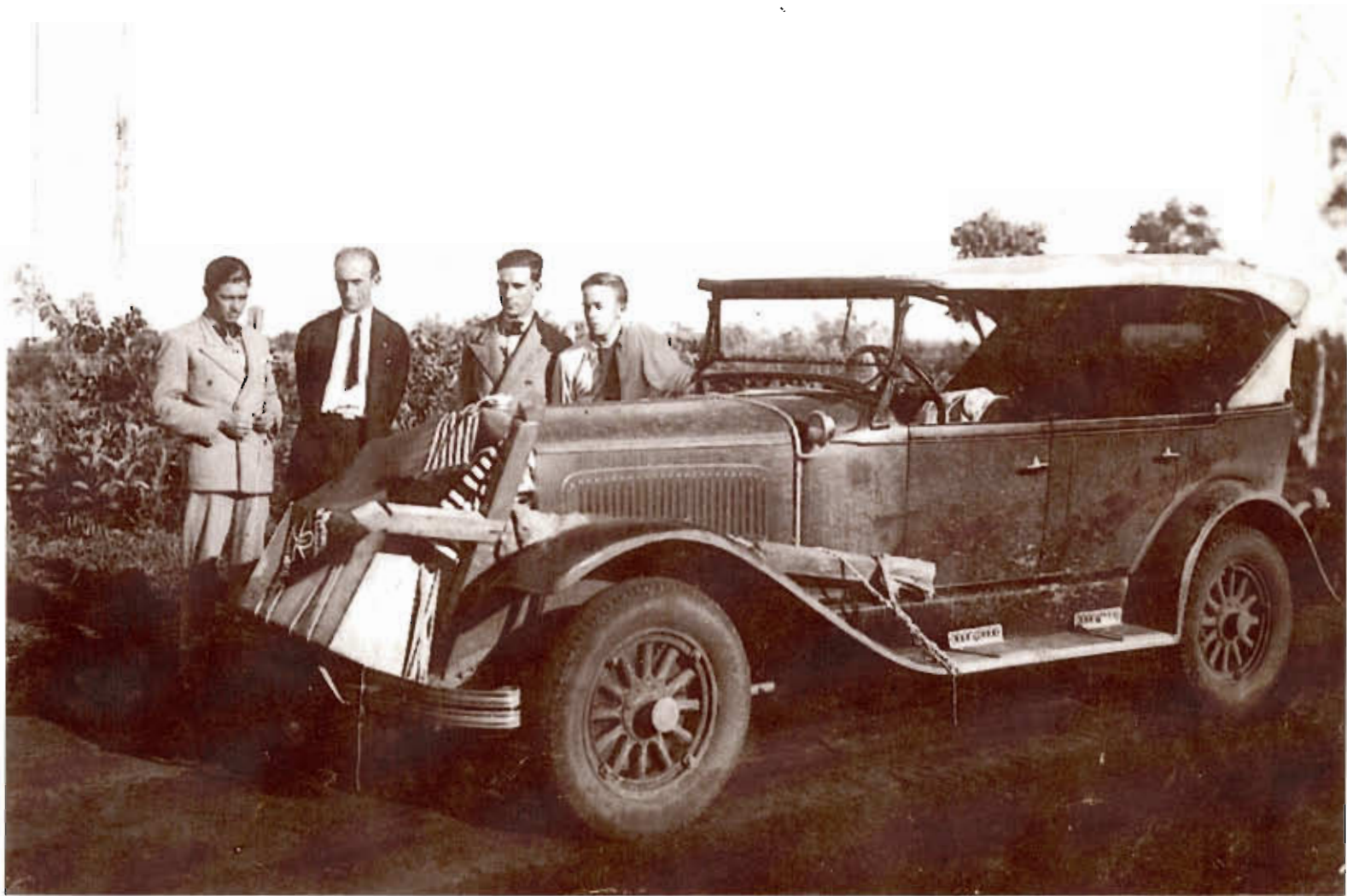
Mário Furtado foi enterrado numa cova simples nas imediações da cidade de Capão Bonito. Uma simples cruz de madeira marcava o local da sua sepultura. Orlândia, uns tempos depois, achou que deveria dar um jazigo decente para um filho da cidade que morreu por uma causa nobre. Formou-se uma comissão que deveria ir até Capão Bonito e trazer para Orlândia os restos mortais de Mário Furtado. Essa comissão tinha que ter um bom motorista. Alguém que soubesse guiar em estradas e estivesse acostumado a andar longas distâncias. Para essa função foi escolhido Altamiro Berti, o conhecido Mirote, que era, além de ótimo motorista, uma figura muito querida na cidade. Para acompanhar o Mirote escolheram Gildo Dias, que esteve presente na batalha que tirou a vida de Mário Furtado e por muito pouco não morreu também. Gildo era irmão de Dona Amélia, casada com o Altino Cividanes. O terceiro da comissão era o conhecido Antonio Morandini.



Mário Furtado, carinhosamente conhecido em Orlândia por Zinho Furtado. Era filho de Custódio Severino Furtado e de Rita Furtado. Tinha casado há menos de um ano com Helena Noviello Furtado. Em fevereiro de 1933 a cidade o homenageou trocando o nome da Praça da Matriz para Praça Mário Furtado. Zinho morreu 19 dias antes do fim da Revolução. A Revolução de 1932 terminou oficialmente no dia 4 de outubro, quando Getúlio Vargas nomeou o General Waldomiro Lima Governador de São Paulo.



A comissão que foi buscar os restos mortais de Mário Furtado chega ao local desejado. Era o mês de julho de 1933.



Restos mortais de Mário Furtado dentro de um caixão amarrado no para-choque.

Da esquerda para a direita:

– Oficial de Justiça de Capão Bonito – Gildo Dias – Antonio Morandini – Altamiro Berti. Assim, Mário Furtado voltou para Orlândia.

Esta foto foi tirada em 1927 no Grupo Escolar “Coronel Orlando”.



Os dois professores ao lado da mesinha são:

O da esquerda é o professor Raphael: O da direita é o professor Berillo Menussi. Alguns dos alunos:

1 - Orlando Zancopé 2 - José Vieira 3 - Benoa, filho da professora Zara. 4 - Izack 5 - João Segantini

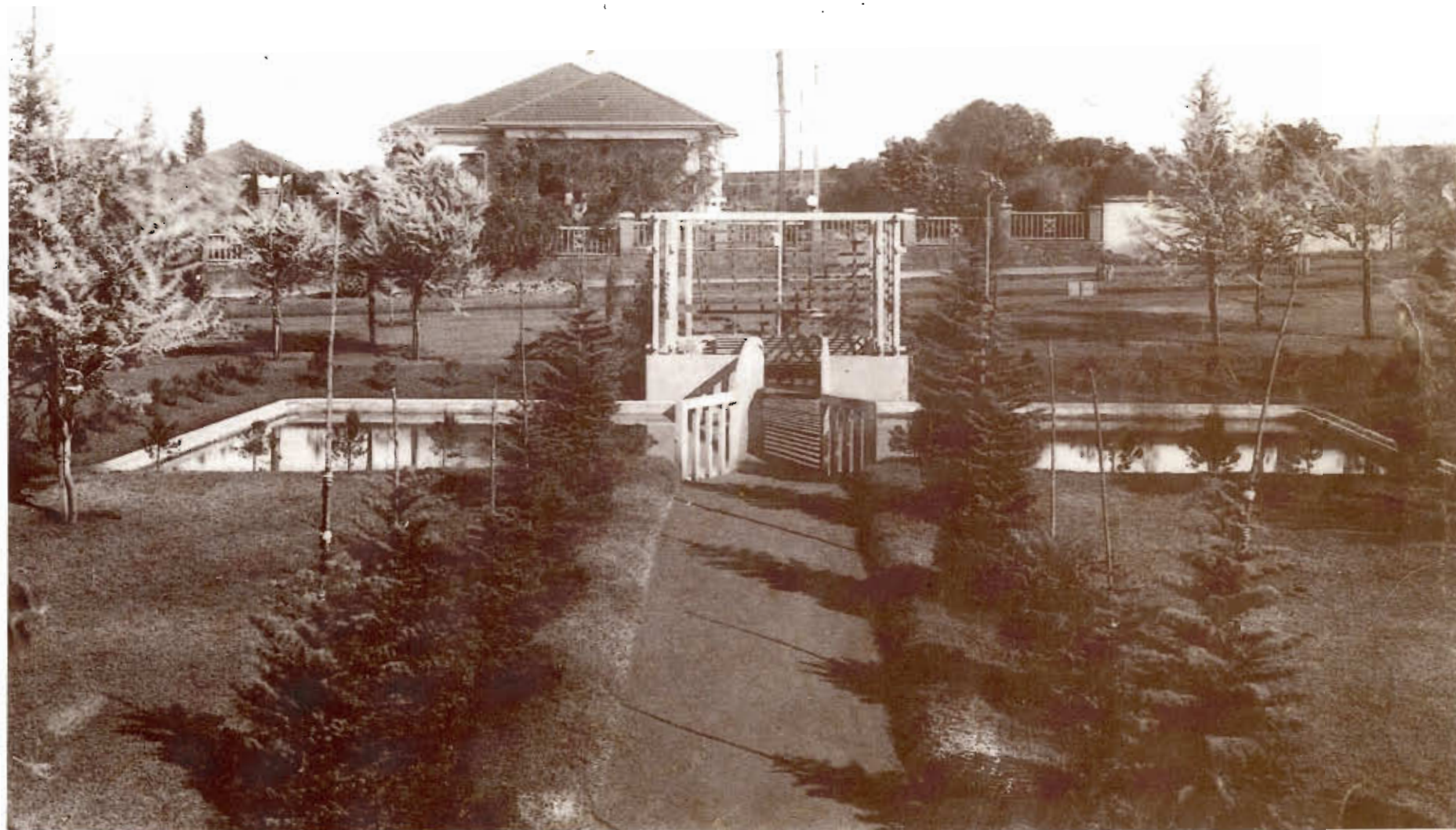
6 - Wilson Martins, irmão do Sr. Antonio Martins da ORC. 7 - Victor Peres.



PRAÇA CORONEL ORLANDO. Foto tirada por Faustino Cividanes em 1931, de cima do terracinho do Teatro Municipal. Essa praça piorou muito sob o ponto de vista estético.



PRAÇA CORONEL ORLANDO. Este coreto era a imitação de muitos que existem em praças da Europa. Foto de 1930 tirada por Faustino Cividanes.



PRAÇA CORONEL ORLANDO. Neste caramanchão foram plantadas trepadeiras que serviam como cobertura. Era o mais poético lugar de Orlândia. É onde está hoje, o Forum



Praça Coronel Orlando. Até 1926 nessa praça só havia a caixa de água para abastecer a cidade. Foi depois a mais linda área verde de Orlândia. Foto 1929.



PALACETE VILLINO - LEONOR.

O Dr. Alfredo de Vasconcellos veio da Paraíba para se estabelecer definitivamente em Orlândia. Construiu em 1916, na esquina da rua 4 com a Avenida do Café, uma linda residência que se chamava Villino - Leonor, em homenagem a sua esposa Dona Leonor. Uma linda placa adornava a entrada principal. No começo o Dr. Vasconcellos montou ali um colégio que tinha internato e semi-internato. Este colégio era muito bem conceituado na região. Vinha gente de longe estudar aqui. Mais tarde o Dr. Vasconcellos se tornou um advogado com tanta clientela que teve de fechar o Colégio. Este prédio mudou muito pouco com o passar do tempo.

Muita gente pensa que o Coronel Francisco Orlando sempre viveu como um homem rico. Isso é meia-verdade. Ele nasceu de uma família rica em patrimônio mas não tão rica em dinheiro. Seu pai possuía muitas terras mas vivia com bastante economia. Quando o Coronel casou-se, em 1882, veio com sua esposa, Genoveva Angélica, morar numa casinha feita de táboas na Fazenda Boa Vista. Esta casinha, muito pequena e sem conforto, ainda existe até hoje e é conservada com carinho. Moraram nessa casa de madeira durante oito anos. Em 1890 construiu,

pelo fruto do seu trabalho, a sede da fazenda Boa Vista. Sua esposa não via com bons olhos o envolvimento de Francisco Orlando na política. Ela achava que o seu ideal de fundar uma cidade iria causar mais aborrecimentos do que alegrias. Acontece que o Coronel era um idealista incorrigível. Ficou viúvo em 1905 e imediatamente colocou “mãos à obra” para realizar seu ideal. Fez nascer Orlândia dentro das terras da sua Fazenda Boa Vista.



FAZENDA BOA VISTA.

Foi dentro dessa casa que o Coronel Francisco Orlando teceu toda trama política que permitiu o nascimento da Comarca de Orlândia em 1910.

Ele morou muitos anos aqui e depois mudou-se para a cidade e morou numa casa onde hoje funciona a Agência do Banco do Estado de São Paulo.

A Boa Vista passou a ser residência do seu filho Francisco Marcolino. Essa fotografia foi tirada nos últimos anos da década de 20. Os dois meninos que estão no jardim são os filhos de Francisco Marcolino: Roberto Diniz Junqueira e Geraldo Diniz Junqueira.

O calçamento da cidade de Orlândia começou pela Rua 2. No dia 29 de janeiro de 1923, foi marcada uma comemoração para se assentar o primeiro paralelepípedo. O povo compareceu em massa. Aquele ato público era muito importante. Orlândia já tinha mais de 300 automóveis registrados no município. A

primeira pedra foi colocada pelo Coronel Francisco Orlando e a segunda pelo Prefeito Dr. Nestor da Rosa Martins. Como todo serviço era feito com a mão, o calçamento da Rua 2 levou quase um ano para ser terminado.



Calçamento da Rua 2.

Foto do começo do segundo semestre de 1923. A pista da esquerda está terminada. A cor clara é porque se punha areia depois do serviço acabado. Essa areia preenchia o vazio entre os paralelepípedos. A pista do lado direito está em fase de nivelamento. Todo o calçamento da cidade veio de uma pedreira da Fazenda Diamante, de propriedade do Sr. Joaquim Júlio de Siqueira. Foi uma doação do Sr. Joaquim Júlio. Ele só pediu para ser indenizado por alguns pés de café que foram arrancados.

Em 1924 o calçamento da cidade andou em ritmo bem mais acelerado do que em 1923. Nesse ano foi calçada a Avenida do Café, o pátio da Estação e toda a Rua 1. O crescimento do

número de automóveis obrigou o poder público a andar mais depressa com o calçamento das ruas.



Foto de junho de 1924.

Calçamento da Avenida do Café.

No dia 29 de março de 1924 começou o nivelamento do pátio da Estação. Em abril começou a ser feita a valeta que a foto mostra. Foi tirando a terra do lado direito dessa valeta é que se criou a diferença de nível entre a Estação e a Avenida do Café.

Esta foto foi tirada quando se estava começando a colocação das guias.



Vila Orlando em aproximadamente dezembro de 1909.

Essa é a mais antiga vista panorâmica que se conhece de Orlândia. A melhor referência para precisar a data dessa foto é a construção da Igreja de Santa Genoveva.

A Igreja começou a ser construída em 1907 e terminou em 1910. A foto mostra a Igreja em fase adiantada de construção. A foto deve ser portanto de fins de 1909 ou começo de 1910. Eu tenho, no entanto, uma outra referência muito mais poética que essa. Minha avó Anna Blandina dizia:

“Quando seu pai era bebê um dia eu fui até Orlândia e dei de mamar a ele escondida nos andaimes da Igreja em construção porque caía uma chuvinha muito fina”. Meu pai Orlando Prado Diniz Junqueira nasceu no dia 9 de agosto de 1909. Por essa afirmação da minha avó dá para perceber que a foto é mesmo de fins de 1909 ou começo de 1910. Até a chuvinha faz crer que seria fim de ano. Fiquei em dúvida se colocava no título Vila Orlando ou Orlândia. A lei número 1.181 que transferiu a Comarca para Vila Orlando e mudou o nome da vila para Orlândia é do dia 25 de novembro de 1909. A foto foi tirada ou um pouco antes ou um pouco depois dessa data. Muitas datas constantes deste livro são deduzidas com o mesmo raciocínio aplicado a essa foto.

O principal acontecimento de 1923 foi o calçamento da Rua 2. Em julho de 23, outra coisa importante na vida de Orlândia foi a inauguração de uma linha de “Jardineira” entre Orlândia e Guaíra. Era a empresa de João Azzi. Gastava três horas de

viagem. Em 1924 foi o ano do calçamento da Rua 1 e da Avenida do Café. Em setembro de 24 houve um importante acontecimento social na cidade. Foi o enlace matrimonial de Virgílio e Dona Guiomar.



SR. VIRGÍLIO E DONA GUIOMAR.

No dia 1º de setembro de 1924, às 15 horas, foi celebrado o matrimônio de Virgílio Ferreira Jorge e Guiomar Alves Ferreira, filha do Coronel Augusto de Andrade e de Amélia Alves de Andrade. Tanto o ato civil como o religioso foram no salão do Club Orlândia. No centro do salão principal foi armado um altar. O ato civil foi presidido pelo Terceiro Juiz de Paz, Sr. João Francisco Diniz Junqueira, sendo testemunhas, pelo noivo, o Dr. Clodomiro Jorge Ferreira e Senhora, e pela noiva o Dr. Alípio de Azevedo e a Senhorita Zulmira Alves de Andrade. Seguiu-se o ato religioso celebrado pelo Monsenhor Siqueira, da curia da Catedral de Ribeirão Preto. Foram padrinhos no religioso: Pelo noivo, o Dr. Nestor Rosa Martins, Prefeito de Orlândia e Senhora, e por parte da noiva o Sr. Jonathas Furtado de Souza e Senhora. Logo após a cerimônia foi servida à numerosa e seleta assistência uma fina mesa de doces, licores e champanhe. Tocou durante a tarde e à noite, no baile que se improvisou, o *Jazz Band Louzada, de Franca*. Os noivos seguiram, pelo noturno, para Santos em viagem de núpcias.



FRANCISCO BUCCI.

Veio de Cajuru para Orlândia em 1918 com 11 dos 13 filhos que teve. Só nasceram aqui os dois caçulas: Eliza e Dr. Bruno. Vendia material de construção e exercia a profissão de pintor. Em 1933, quando o italiano Nicola Fabrizio escolheu Orlândia para fabricar o torrador que tinha inventado, foi o Sr. Francisco Bucci que ele escolheu para sócio. Convidaram também o Júlio Bucci, filho do Sr. Francisco, para terceiro sócio. O Júlio desistiu porque queria estudar Direito. Convidaram então o Sr. Oswaldo Junqueira. A fabricação industrial do torrador apresentou problemas na hora de se fazer as duas meias esferas do corpo principal. Foi o filho do Sr. Francisco, Roque Bucci quem deu a solução. Sem a intervenção do Sr. Roque seria impossível fazer a esfera em escala industrial



Professor JOÃO DE ABREU em foto de aproximadamente 1912.

Foi o primeiro professor da classe masculina do Grupo Cel. Orlando. Gostava de discutir matemática com o Sr. Pio Nonino, pai do Sr. Emílio.

Depois da inauguração do Club Orlândia, no dia 17 de dezembro de 1917, houve uma verdadeira mania de “Soirée dançante”. O Presidente do Club, Dr. Vasconcellos, que era Delegado de Polícia e seria nomeado Promotor no dia 2 de maio de 1918, decididamente não tinha tempo para cuidar de tanta coisa. Passou a Presidência do Club para o Vice-presidente, Dr. Carlos

Enout, que era um conceituado médico com consultório na Avenida 4 esquina da Rua 2. O Dr. Enout organizava ótimas soirées. Só teve que se afastar temporariamente no começo de setembro de 1918 para fazer sua viagem de lua-de-mel. A alegria dos orlandinos só foi



SOIRÉE DANÇANTE do Dr. Enout.

diminuída na madrugada do dia 25 de junho de 1918. A cidade anoiteceu com um céu limpo, cheio de estrelas. O tempo foi esfriando à medida que chegava a madrugada. A temperatura caiu para 3 graus negativos e a água congelou nas torneiras. Foi a maior geada de todos os tempos. Os cafezais amanheceram queimados e a economia da região, baseada só em café, sofreu um grande golpe. Isso diminuiu um pouco o ânimo das soirées organizadas pelo Dr. Enout.

Dr. Carlos de Rezende Enout
Sua esposa Dona Irene Junqueira Enout
Suas filhas, da esquerda para a direita:
– Mariza
– Elza
– Vera
O Dr. Enout acabou se mudando para São Joaquim.
Esta foto é de aproximadamente 1931.





Esta foto é da esquina da Rua 4 com a Praça Coronel Orlando.

A casa da esquerda pertencia ao Sr. Sebastião Orlando (Tão) e a da direita ao Dr. Nestor da Rosa Martins que depois a vendeu ao Sr. Edson Leite de Moraes.

Não sabemos com precisão a data destas fotos mas sabemos que é de 1923 ou 1924. Em 1922 temos fotografia aérea da cidade e essas casas não existiam. Pela foto vemos que a rua não tinha calçamento e essa parte da cidade foi calçada em 1925. Portanto a foto tem que ser de 23 ou 24.



Foto de 1911 tirada em frente ao prédio da Prefeitura que ficava na Rua 1 esquina com a Avenida do Café. Da esquerda para a direita:

– José Aurélio da Silva.

Primeiro Prefeito de Orlândia. Os irmãos José Aurélio e Aureliano eram de Nuporanga e casados com duas irmãs: Ambrosina e Albertina respectivamente. Vieram para Orlândia a convite do Coronel Orlando. Aureliano era dono do Cartório e José Aurélio, por insistência do Coronel, acabou entrando para a política e foi o primeiro Prefeito da cidade. Eram filhos de um antigo morador de Nuporanga conhecido como “Chico Ilheo”

– Mansuetto Ferrari. Representava o Distrito de Morro Agudo na ocasião dessa foto.

– Francisco de Almeida Prado casado com Isabel Sampaio. Tiveram três filhas e três filhos, cinco dos quais se casaram com os Junqueiras da região. Formado em Ciências Físicas e Naturais, equivalente ao Engenheiro Agrônomo de hoje, em Zurich na Suíça. Veio de Itu acompanhando um amigo que queria comprar uma fazenda no “Sertão da Mogiana”. O amigo não fez negócio mas ele gostou da região e comprou a Fazenda Santa Izabel, em São Joaquim. Na ocasião dessa foto, sua filha Anna Blandina já era casada com João Francisco, filho do Coronel Orlando. Era o Presidente da Câmara de Orlândia.

– José Junqueira Reis. Dono da Fazenda 3 Barras. Estava aqui representando o Distrito de Nuporanga.

– Coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira.

CASSIANO BRASIL.

Do lado esquerdo está Ernestina Ramos que era arrumadeira na Fazenda Agudo. Do lado direito está a sua esposa “Dona Maria do Cassiano”.

A mãe do Cassiano, que se chamava Minervina, morou muitos anos em Baependi, no sul de Minas. Veio depois para a Fazenda Espírito Santo, de Helena Franco, em Morro Agudo. Helena Franco marcou casamento com José Eufrozino Ozório em 1880.

Minervina, apesar de estar grávida, foi o braço direito de Helena Franco na preparação do enxoval. Minervina deu à luz no dia do casamento. Helena sugeriu que o recém-nascido se chamasse Cassiano. Assim foi possível identificar a data do nascimento do Cassiano: 1880.

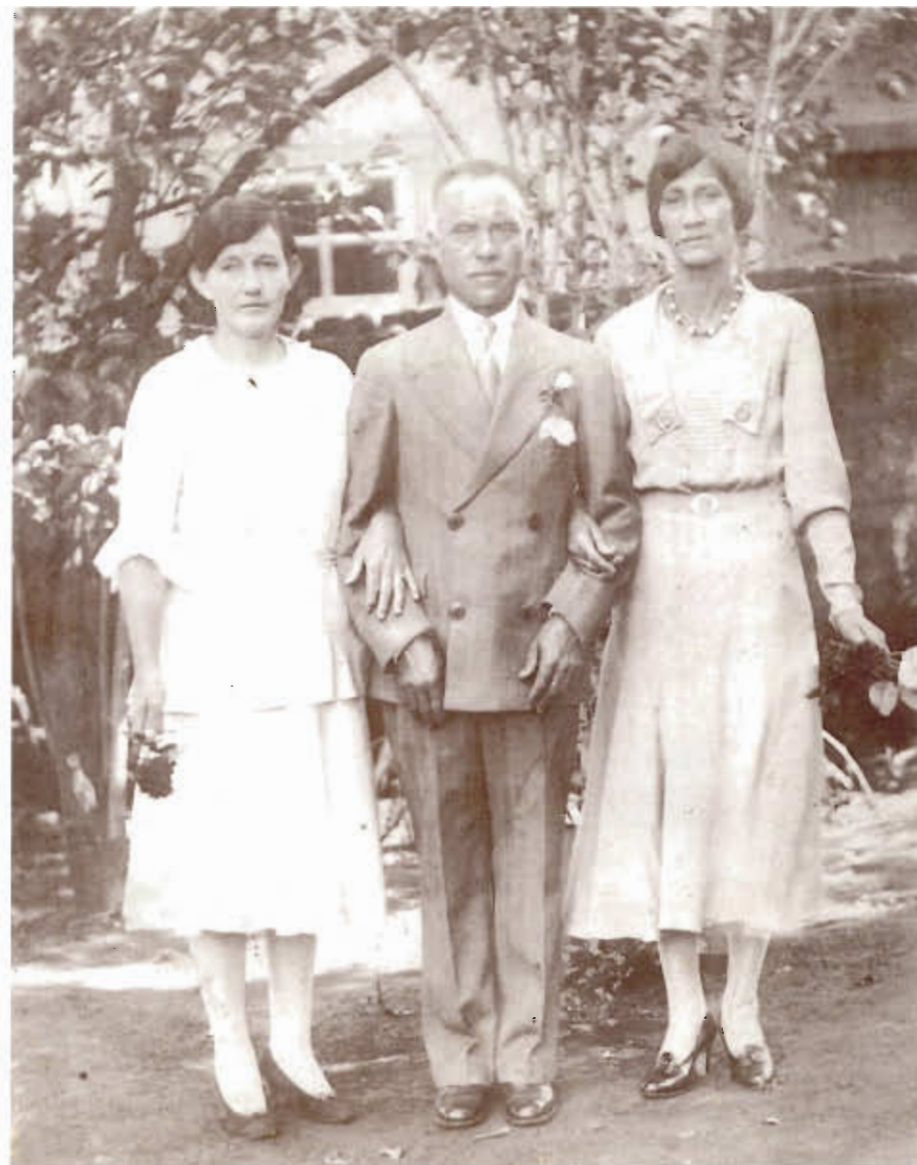
Ainda menino, Cassiano e sua mãe mudaram-se para a Fazenda Agudo em Orlândia. Cassiano foi criado como se fosse uma pessoa da família. Dentro da casa da sede da Fazenda Agudo. Era, quando mocinho, um funcionário de múltipla função na Fazenda. Foi amansador de cavalos e também aprendeu a cozinhar. Foi auxiliar de cozinha. Essa atividade dentro da cozinha iria ser de grande valia para ele no futuro. Casou com Dona Maria e mudou-se para a cidade de Orlândia.

Na cidade, Cassiano morou numa casa onde fez um forno de lenha no quintal. Passou a pôr em prática tudo o que ele tinha aprendido na cozinha da Fazenda Agudo.

Foi o maior “quituteiro” que Orlândia conheceu na década de 30. Qualquer festa, desde a mais simples comemoração até o mais importante casamento, tinha que ter “salgadinhos do Cassiano”. Foi contratado pelo Banco Comercial para fornecer o lanche dos funcionários. Tinha cliente que esperava a hora do Cassiano chegar ao Banco para saborear os salgadinhos junto com os funcionários. Cassiano Brasil foi uma das figuras marcantes da vida de Orlândia de antigamente.

Sua esposa, “Dona Maria do Cassiano”, era uma conhecida parteira e aplicava injeção a domicílio. Andava sempre com um avental branco e touca de enfermeira, carregando uma maleta de médico.

Tiveram um único filho chamado João.



A NOTICIA

CASA BANCÁRIA

de

Francisco Orlando Diniz Junqueira

Orlandia

Iniciará suas transações no proximo mez de Maio com as seguintes secções de negocio:

Receberá depósitos em— Contas correntes Prazo Fixo Pequenos depósitos	Descontos de ordens sobre Santos e S. Paulo Cobrança de títulos n'esta praça e em outras.
--	--

Passagem de dinheiro para S. Paulo, por meio de cheques, encarregando-se tambem de pagamentos nas demais praças, inclusive na do Rio de Janeiro e nas dos Estados do Norte e do Sul do Paiz.

PASSAGENS PARA PRAÇAS EXTRANGEIRAS E OUTRAS TRANSAÇÕES BANCÁRIAS

BREVEMENTE!!!! BREVEMENTE

Jornal A Notícia do dia 29 de abril de 1916.

No dia 14 de março de 1914, o Juiz de Orlandia, Dr. Joaquim Gomes Pinto, às 8 horas da manhã, decretou a falência do “Banco de Custeio Rural de Orlandia S.A”, administrado pelos Srs. Augusto Correia, Salles Oliveira, Riolando de Almeida Prado e José Aurélio da Silva, de Orlandia. Esse Banco aparece em Orlandia no ano de 1912. Sua falência abriu espaço para se fundar uma outra casa bancária que viesse preencher essa lacuna. Assim nasceu em maio de 1916, a “Casa Bancária Coronel Orlando”. O capital desse novo Banco era constituído por títulos de empréstimos feitos pelo Coronel aos correligionários políticos.

O primeiro gerente desse Banco foi o Sr. Edson Leite de Moraes e depois o Sr. Acácio Diniz Junqueira.



Este prédio na esquina da Rua 2 com a Avenida 2 pertencia ao Coronel Orlando e foi construído pelo empreiteiro de obras João Bradaschia, de julho de 1915 até março de 1916. Era para ser o escritório central do Coronel Orlando. A partir de maio de 1916 foi a sede da Casa Bancária Coronel Orlando. Quando o Banco fechou em 1929, o prédio foi vendido para o Médico Dr. Pinke. Mais tarde foi sede da agência do Banco do Brasil e hoje é onde está a agência do Bradesco.



MIGUEL DENIPOTTI.

Com seus três irmãos, Júlio, Antônio e Batista, trabalhavam em fazendas da região de Orlândia. Na década de 30 resolveram montar um armazém na cidade. Deles descende a numerosa família Denipotti de Orlândia.



JOÃO AUGUSTO PALMA.

Nasceu em Ribeirão Preto no dia 20 de janeiro de 1893.
Morreu em Orlândia no dia 30 de janeiro de 1975.
Veio de Ribeirão em 1913 e trabalhava no fundo do quintal como ferrador de animais e fabricante de freios.
Em 1933 abriu uma oficina na Rua 2 número 400, na esquina com a Avenida 6. Especializou-se na fabricação de carroças e carrinhos de burro.



CADEIA E FÓRUM.

Este prédio foi terminado em agosto de 1913.

Fica na Praça da Bandeira.

Durante muitos anos esse foi o mais imponente edifício da cidade.



Foto tirada da torre da Igreja Santa Genoveva por Faustino Cividanes em 1920.

À direita, em destaque, o edifício da Cadeia e Fórum.



CIRYLLO LAGUNA.

No dia 13 de janeiro de 1912 ele anunciava no Jornal *A Notícia* de Orlândia:

“Aluga-se ou conserta-se qualquer tipo de bicicleta”.

No dia 25 de janeiro de 1913 o Jornal anuncia:

“Chegou hoje o automóvel do Sr. Cirylo Laguna em Orlândia. Veio entregar o carro o Sr. José da Rocha Pombo, agente em Ribeirão Preto da Ford”.

Em novembro de 1913, o Sr. Cirylo Laguna convida os Srs. José Mário Junqueira Netto e Magino Diniz Junqueira para baterem um recorde. Eles queriam ir de Orlândia até a cidade de Frutal, em Minas Gerais, em um único dia. Para isso contavam com a potência do carro Turkat-Mery da Ford que o Sr. Laguna possuía. Não conseguiram ir num dia só porque erraram o caminho. De todo jeito conseguiram a média de 22 km/hora na volta.

Em 1918, Cirylo Laguna mudou-se para Ribeirão Preto e seria um dos grandes empresários da região.



Júlio de Siqueira, de chapéu na mão, e Adolfo Berti na direção de seu carro. Um dos primeiros táxis de Orlândia.

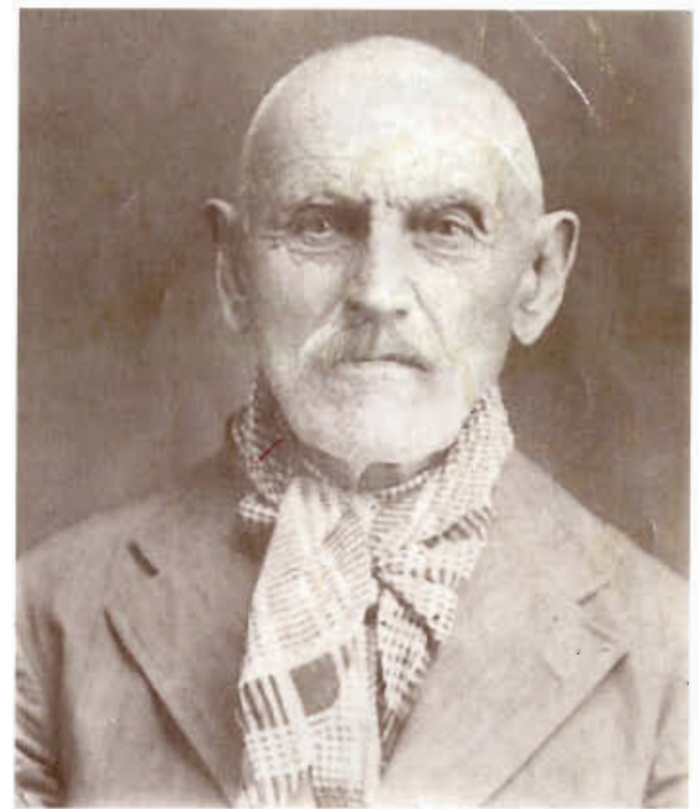


FAMÍLIA GARBIM.

Da esquerda para a direita:

Santo - Vitório - Antônio - Júlio Augusto Zanini - Bernardo

Seu Giovanni Garbim e sua mulher Maria Antonia vieram em 1894 da cidade de Chioggia, província de Veneza, na Itália, para o Brasil. Seus filhos Vitório, Bernardo e Tereza já eram nascidos. Nasceram em Ribeirão Preto: Antonio, Santo e Amabile. Seu Giovanni veio para Orlândia em 1913. Vitório montou uma relojoaria. Bernardo, Antônio e Santo montaram aqui em 1920 a “Casa Garbim” de secos e molhados. Essa casa ficava na praça da Matriz (depois Mário Furtado) no número 79. Seu Giovanni não deixou nenhuma foto.



ANGELO ZANINI.

Veio de Pádua, na Itália em 1893 diretamente para Nuporanga. Era pai de Júlio Augusto, Luiz e Ernesto. Somente Júlio nasceu na Itália. Tinha dois anos quando veio para o Brasil. Júlio Augusto Zanini, muito ligado aos Garbim, sempre morou em Orlândia. Era o pai da Dona Mariquinha, viúva do Olavo Miele. Júlio morreu em Orlândia no dia 6 de fevereiro de 1963.



CASA DO SR. FRANCISCO BUCCI.

Construída em 1926 na esquina da Avenida 5 com a praça da Matriz (Mário Furtado). Esta casa, depois da morte de Francisco Bucci, foi vendida para o Sr. Americo Alves e era a sede da Revenda *Ford A. Alves S.A.* Hoje é a agência dos Correios.



VICENTE GAIOTTO.

Morava em Santa Rita do Passa Quatro e era casado com Dona Regina Cenedezi Gaiotto. Seu cunhado, Francisco Cenedezi, morava em Orlândia e tinha um armazém de secos e molhados. Em 1912, Vicente veio para Orlândia, a convite do cunhado, para ficar sócio do armazém. Mais tarde, Francisco Cenedezi foi para Ribeirão Preto e constituiu o tronco dessa família lá. Vicente ficou dono sozinho do armazém e constituiu o tronco dos Gaiottos de Orlândia. É o pai do Guerino, Maria, Antonio, João (Tiel), Tereza, Abrahão e Irene.



Fotografia da Rua 2 em 1929. Do lado esquerdo vemos a casa de tecidos *Flor de Maio* e um pouco acima, na Avenida 2, a *Casa Miele*. Do outro lado da esquina está a *Casa Bancária Coronel Orlando*. Aliás esse seria o último ano de funcionamento dessa Casa Bancária. A crise da Bolsa de New York que estourou em outubro de 1929, e fez o preço do café cair de 65\$000 o saco para 5\$000, obrigou a paralização desse Banco. Nessa mesma esquina, do lado direito, vemos um entulho que é da demolição de uma casa para se construir a sede do *Banco Comercial*.



Foto de 1931 tirada na esquina da Rua 4 com a Avenida 3. A primeira casa da esquerda, que na foto se vê apenas um pedaço, é onde morava o Dr. Hermógenes Prado. Vizinho dessa casa, vemos as colunas da cerca do jardim da casa do Coronel Orlando. Aqui na Avenida 3, em 1931, ficava também o consultório do Dr. Durval Junqueira Machado. No número 572 o consultório do médico Dr. Manso Pereira e da advogada Dra. Miêta Santiago. No número 404 é onde ficava o consultório do dentista Dr. Said Abrahão.



Avenida do Café em 1929. A construção grande na esquina é o Hotel Orlândia, do Sr. João Zancopé.



AURELIANO ANTONIO DA SILVA.

Em maio de 1910 era serventuário do Primeiro Tabelionato e Anexos de Nuporanga. Em 1912 muda-se para Orlândia. Em fevereiro de 1913 é nomeado Gerente da “Via Férrea de Nuporanga”. Em 1915 monta um escritório de Contabilidade em Orlândia. Em 1916 abre aqui seu escritório de Advocacia. Nesse mesmo ano, sua esposa Albertina de Mello contrai séria doença que mudaria a vida do Dr. Aureliano. Em 5 de dezembro de 1916 fica viúvo. Sua esposa morre em São Paulo no Hospital Santa Catarina e é enterrada no Cemitério da Consolação. Aureliano fica com 3 filhas pequenas: Maria da Glória, Maria Stuart e Maria Solange. Esta última com apenas 6 meses de idade. O Dr. Aureliano teve muita dificuldade para criar as três meninas. Maria Solange tinha um problema intestinal e tinha que ser alimentada com leite de jumenta. O Coronel Orlando era quem fornecia o leite para a filha do Dr. Aureliano. Ele acaba se mudando para Batataes e continua trabalhando como Advogado. Sua passagem por Orlândia deixou muitas saudades entre seus amigos. Foi uma figura muito querida na cidade. Era irmão do primeiro Prefeito de Orlândia e cunhado de Alvin de Mello que era escrivão de Paz. Morreu no dia 27 de novembro de 1927 com apenas 47 anos de idade.



IRACEMA MÜLLER MIELE.

Uma das primeiras professoras da ala feminina do Grupo Escolar Coronel Orlando.

Filha de Francisco e Francisca Müller.

Nasceu na cidade de Tatuí no dia 9 de janeiro de 1886. Terminou o curso de Normalista na cidade de Itapetininga no dia 30 de novembro de 1903. Logo depois de formada veio iniciar sua carreira na cidade de Nuporanga.

Ali casou-se com Primo Miele. Em 1913 mudou-se para Orlândia. Foi uma das professoras mais queridas da cidade.

Morreu a professora Iracema no dia 9 de abril de 1962.

Pelo projeto de lei número 197 de 30 de junho de 1966, a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo deu o nome de Iracema Müller Miele ao segundo Grupo Escolar da cidade de Orlândia. Foi um projeto do Deputado Orlando Jurca.

Foto de Faustino Cividanes tirada do Alto da Boa Vista no dia 8 de fevereiro de 1922.



Foto de Faustino Cividanes tirada do Alto da Boa Vista no dia 8 de fevereiro de 1922.



Foto de Faustino Cividanes tirada do Alto da Boa Vista no dia 8 de fevereiro de 1922.



E aqui chegamos ao final dessa memória fotográfica de Orlândia. Ela consta de 138 fotografias da década de 30 para trás. Durante o decorrer da pesquisa percebi que tinha muita gente que deveria estar citada aqui e não está. Um exemplo típico é o dos dois construtores Augustinho e Paulo Veiga. Quem gostar de apreciar um serviço perfeito de marcenaria é só visitar o interior de qualquer máquina de beneficiar café do município de Orlândia. Os entalhes, os acabamentos das vigas e o capricho dos detalhes demonstram o trabalho de competentes profissionais da marcenaria. Pois bem. Quase todas essas máquinas de benefício de café foram construídas por Augustinho Esteves da Veiga e seu sobrinho Paulo Veiga, entre 1910 e 1930. Os dois vieram da cidade de Sestello, em Portugal, especialmente para trabalhar como construtores na nossa região. Augustinho nasceu em 22 de agosto de 1875 e morreu aqui em Orlândia no dia 17 de setembro de 1937. Seu sobrinho Paulo também nasceu em Sestello, Portugal, no dia 18 de janeiro de 1886 e morreu aqui em Orlândia no dia 7 de julho de 1940. Meu avô dizia que, se amizade fosse parentesco, “Eu sou irmão do Paulo Veiga”.

Outra história que poderia estar aqui é a da Estrada de Ferro. O Museu Ferroviário “Barão de Mauá” de Jundiaí tem a

fotografia da inauguração da estação Coronel Orlando. A primeira estrada de Ferro do Estado de São Paulo foi a São Paulo Railway (SPR) que ia de Santos até Jundiaí. Foi iniciada em novembro de 1860 e terminada em fevereiro de 1867. A segunda foi a Companhia Paulista, que fez o trecho entre Jundiaí e Campinas. Sua construção foi iniciada em maio de 1870 e o seu término se deu em agosto de 1872. Em 1872 nascia a “Cia. Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação” que é a que interessa mais para Orlândia. A Mogiana teve várias ramificações mas o tronco que veio para Orlândia chegou em Ribeirão Preto em 1883. Em 20 de março de 1900 chegou em Jardinópolis. Em julho chegou em Salles Oliveira e em 25 de novembro de 1901 chegou na Estação Coronel Orlando. Quando a Mogiana chegou aqui em Orlândia já tinha 900 quilômetros de trilhos assentados.

Histórias como essas duas mereciam ter fotografias nesse álbum. Fica para alguém que queira aproveitar o que está feito e acrescentar alguma coisa a mais.

Muita gente vai estranhar não ver seus ascendentes citados aqui. Confesso que é muito difícil não esquecer de ninguém. Desde já ficam aqui minhas desculpas.

João Francisco Junqueira

Orlândia, janeiro de 1999

*Acabou-se de imprimir
aos 13 de fevereiro de 1999 nas oficinas da
Type Laser
Edição de 1.000 exemplares a cargo de
Massao Ohno Editor
São Paulo, Brasil.*

Outra grande estudiosa das coisas da nossa cidade foi ALBERTINA CIVIDANES. Meu pai ganhou de Dona Albertina toda a coleção do Jornal de Orlândia. Começa em janeiro de 1900 quando o Jornal era "O NUPORANGA". Em 1910, o Jornal veio para Orlândia, junto com a Comarca, com o nome de "A NOTÍCIA". Meu pai encadernou todos os jornais, ano por ano. Isso virou uma preciosa fonte de informação.

Comecei a perceber que os jornais explicavam o que estava nas fotografias. Daí em diante, foi só questão de tempo e paciência. Quando a explicação não era convincente, procurava alguém mais informado e completava o que estava faltando. Fiz isso durante cinco anos e o resultado é esta publicação.

Espero que seja uma fonte de estudo e prazer para aqueles que gostam de Orlândia e ainda não haviam nascido nessa época. Focalizei os anos de 1931, 1932 e também alguns anteriores a esses anos.

O Autor

MASSAO OHNO EDITOR

